

ECOS DARUA

Retratos de sonhos e lutas

Luiza Arlindo dos Santos



Luiza Arlindo dos Santos

ECOS DARUA

Retratos de sonhos e lutas

2025

ECOS DARUA

retratos de sonhos e lutas

2025

SANTOS, Luiza Arlindo dos. Ecos da Rua: retratos de sonhos e lutas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2025.

Produção: Luiza Arlindo dos Santos
Redação: Luiza Arlindo dos Santos
Ilustrações: Wesley Medeiros
Diagramação: Luiza Arlindo dos Santos
Revisão e orientação: Reinaldo C. Zanardi

Sumário

<i>INQUIETAÇÕES</i>	4
<i>1. ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO</i>	15
<i>2. O SOPRO DAS ESCOLHAS</i>	28
<i>3. DO CORAÇÃO ALVIVERDE AO ABISMO DAS RUAS</i>	47
<i>4. ENTRE RUAS, RAÍZES E RECOMEÇOS</i>	61
<i>5. DO OUTRO LADO DA RUA</i>	79

Inquietações

INQUIETAÇÕES

Ao iniciar este livro, não imaginava os lugares que desbravaria nem as histórias que marcariam minha trajetória. Muito antes de se transformar em uma obra, a ideia que deu origem a estas páginas era apenas um sussurro persistente, nascido de um caso remoto que, por meses e anos, ecoou em minha mente. Quem poderia prever que essa inquietação silenciosa culminaria no meu Trabalho de Conclusão de Curso?

Desde 2022, as questões que envolvem a aporofobia têm sido um convite constante à reflexão. A luta pela dignidade dos invisibilizados e a análise da presença – ou da ausência – de seus direitos tornaram-se não apenas temas de pesquisa, mas compromissos reais.

A filósofa espanhola Adela Cortina Ortis lembra que o preconceito e o rechaço a determinados grupos sociais são manifestações claras da aporofobia – um conceito que ela define como “rejeição, aversão, temor e desprezo ao pobre, ao desamparado, aquele que, ao menos aparentemente, nada tem a oferecer em troca.”

Ao mergulhar na leitura do livro *Aporofobia*, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia, compreendi que o mundo é sustentado por contratos tácitos – políticos, econômicos e sociais – regidos pela lógica de dar e receber, onde apenas aqueles que aparentam ter algo de valor a oferecer são aceitos. Assim, o neologismo aporofobia denuncia pensamentos, práticas e políticas que relegam ao esquecimento aqueles cuja condição socioeconômica os torna, aos olhos de muitos, indesejáveis.

Cunhado em 1995, em uma coluna intitulada *Aporofobia* no ABC Cultural, o termo é um encontro de duas

INQUIETAÇÕES

palavras gregas: áporos – o pobre, o desamparado – e fobéo – temer, odiar, rejeitar. Nasceu da necessidade de nomear uma realidade incômoda, desvelar suas causas e propor caminhos para superá-la. Afinal, a aporofobia é mais do que um preconceito, é uma violência diária contra a dignidade, o bem - estar social e a humanidade concreta de quem a sofre.

Logo nas primeiras páginas de sua obra, a filósofa apresenta aos leitores o conceito e a origem da aporofobia, destacando sua profunda relevância social. Ela nos esclarece que, ao contrário de outras formas de fobia social – como a xenofobia, que reflete aversão a estrangeiros, ou a homofobia, que incita o ódio contra pessoas LGBTQI+ – a aporofobia se destina especificamente aos pobres, aos marginalizados, aos excluídos da sociedade. Cortina revela que esse preconceito sempre existiu, mas até então carecia de um nome que o definisse com precisão. Muitas vezes confundido com outras formas de discriminação, ele, no entanto, carrega uma dinâmica própria, com características que lhe são singulares.

Ao dar nome a essa aversão, Cortina não apenas visa iluminar um problema muitas vezes invisível, mas também buscar uma compreensão mais profunda de sua natureza, para, enfim, elaborar estratégias capazes de superá-lo. Assim, ao reconhecer o fenômeno e entendê-lo em suas múltiplas camadas, ela convoca a sociedade a refletir sobre as bases desse desprezo, propondo um caminho para desconstruí-lo e romper com a perpetuação da exclusão e da marginalização.

Nesse contexto, a aporofobia emerge como um tema

INQUIETAÇÕES

essencial em um momento histórico em que os direitos humanos e a dignidade das pessoas em situação de pobreza ou extrema pobreza – sejam elas pessoas em situação de rua, imigrantes ou refugiados – precisam ser urgentemente defendidos. Esses grupos, frequentemente alvos de discriminação, estigmatização e exclusão social, enfrentam não apenas a violência verbal que os desumaniza, mas também a violência física que os ameaça. E, diante desse cenário, somos convocados a questionar: qual o papel de cada um de nós na construção de uma sociedade que reconheça o valor intrínseco de cada vida?

Além de ter como alicerce a aporofobia, esta obra também repousa sobre o panorama da pobreza estrutural que molda o Brasil desde os tempos do período colonial.

Conforme ensinado nas escolas municipais e estaduais, especialmente em contextos de aprendizado descentralizado, a economia brasileira do Brasil Colônia estava fincada na monocultura de exportação, com destaque para a cana-de-açúcar, e sustentada pelo uso brutal do trabalho escravo. Era uma sociedade hierarquizada: no topo, os grandes latifundiários, senhores de terras e destinos. Na base, escravos africanos e indígenas, cuja força e exaustão alicerçaram a riqueza de poucos.

Esse modelo econômico e social perpetuou uma distribuição de riqueza profundamente desigual, na qual a maioria da população vivia em condições de extrema pobreza, enquanto a elite usufruía dos frutos arrancados do labor alheio. A família patriarcal reinava como núcleo de controle, com o chefe dominando não apenas a terra, mas também as vidas dos escravizados e dos pobres livres

INQUIETAÇÕES

que orbitavam ao redor do latifúndio, dependentes de sua autorização para sobreviver. Para aqueles que não possuíam bens ou poder, os caminhos para escapar desse sistema eram ínfimos, quando não inexistentes.

O sociólogo Jessé Souza, em sua obra *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*, argumenta que as marcas desse passado colonial continuam vivas no Brasil moderno. Ele expõe como a desigualdade e a estratificação social foram institucionalizadas e perpetuadas, transformando a pobreza em um ciclo vicioso.

Souza revela que a miséria no Brasil transcende a dimensão econômica, infiltrando-se nas profundezas da vida cotidiana. Ela corrói a autoestima e a autoconfiança das camadas mais vulneráveis, criando uma prisão invisível que não se limita à falta de recursos materiais, mas alcança o cerne da identidade e da possibilidade de sonhar. É nesse cenário que a pobreza deixa de ser apenas uma condição, tornando-se uma condenação social que atravessa gerações e resiste ao tempo, como um eco de um passado que nunca se despediu verdadeiramente.

A partir dessa perspectiva, Jessé Souza dirige suas críticas à elite brasileira, acusando-a de dar continuidade a um sistema de exploração forjado nos tempos coloniais, e que, segundo ele, foi habilidosamente reconfigurado para se adaptar às exigências do Brasil moderno. Com práticas econômicas e sociais, essa elite mantém a vasta maioria da população à margem, submetida a uma condição de subcidadania e pobreza estrutural que parece, de algum modo, eternizar-se.

Com a abolição da escravidão em 1888, muitos dos

INQUIETAÇÕES

que foram libertados não experimentaram qualquer transformação significativa em sua realidade. Sem compensações ou apoio governamental, foram lançados à própria sorte, forçados a viver nas piores condições de precariedade nas cidades, dando origem aos primeiros núcleos de favelas. E, ainda que o Brasil tenha transitado do regime colonial para a República, as desigualdades sociais permaneceram incólumes. As elites agrárias continuaram a monopolizar a política e a economia do país, enquanto a urbanização intensificava as disparidades, agravando as condições de vida dos negros e mestiços livres, que se viam aprisionados numa espiral de desemprego, fome e violência.

Após a Revolução de 1930, no século XX, o Brasil iniciou um processo de industrialização sob o governo de Getúlio Vargas, o que provocou uma migração maciça da população rural para as áreas urbanas. Cidades como São Paulo e Rio de Janeiro que, hoje se destacam como grandes centros urbanos, experimentaram impactos profundos no tecido social, frutos dessa nova dinâmica de urbanização. A industrialização trouxe à tona novas classes sociais, como a classe trabalhadora urbana, industrial e uma classe média que surgia com ares modernos.

No entanto, esse período também aprofundou as desigualdades sociais, criando um novo contexto de miséria que, embora distinto, ainda carregava em seu bojo os vestígios da estrutura de dominação herdada da escravidão. O Brasil ingressou no século XX imerso em transformações econômicas e sociais, mas sem conseguir romper com as desigualdades estruturais que permanecem, de al-

INQUIETAÇÕES

guma forma, arraigadas até os dias de hoje.

Souza, ao longo de sua obra, sublinha o papel dessa elite na perpetuação da desigualdade social e da exclusão econômica, um processo que atravessa gerações. Desde o período colonial, essa elite se manteve no poder, explorando e marginalizando as classes mais baixas, sustentando uma estrutura social fundamentada no sistema escravocrata, que, mesmo após a abolição formal da escravidão em 1888, nunca realmente se desfez.

Nas páginas de *A Elite do Atraso*, ele revela como essa elite manipula as instituições políticas e econômicas, utilizando a corrupção como um instrumento eficaz para consolidar seu domínio. Além disso, dedica severas críticas à classe média, que, segundo ele, se vê cooptada pela elite para legitimar e perpetuar o sistema de desigualdade que ainda persiste no Brasil. Como uma marionete que dança ao som da manipulação, a classe média se vê envolvida, muitas vezes sem perceber, no processo de subordinação que ainda mantém as classes mais pobres à margem da sociedade.

Do Brasil colônia aos dias de hoje, a construção do país sempre esteve acompanhada pela marginalização dos mais vulneráveis. Nesse cenário, o sociólogo, professor e economista Paul Singer, uma figura icônica por suas duas décadas de dedicação ao estudo da economia solidária e por sua atuação como secretário nacional da Economia Solidária, torna-se uma voz essencial. Em *A erradicação da miséria* – uma abordagem inicial, Singer traça um olhar crítico sobre as nuances entre pobreza e miséria, oferecendo caminhos para enfrentar essa condição que silencia tantos.

INQUIETAÇÕES

Singer convida a compreender que a pobreza, apesar de dura, pode ser definida como a insuficiência de recursos para suprir uma vida cotidiana considerada “normal” – uma existência frágil, mas ainda ligada a uma rede de apoio e possibilidades.

Por outro lado, a miséria ergue-se como um abismo mais profundo. É uma pobreza que ultrapassa a sobrevivência, onde falta até mesmo o mínimo para garantir o alimento e o abrigo. A miséria se revela na exclusão absoluta, nas ruas que se tornam morada, nos rostos invisíveis que provocam repulsa ou, em alguns casos, uma culpa inquietante nos mais favorecidos.

Entre esses dois mundos há diferenças abissais. Os pobres, embora lutem contra a adversidade, encontram força na comunidade, no esforço pela educação e nas mobilizações sociais. Mesmo com direitos negados, podem, em contextos democráticos, articular vozes e buscar inclusão.

Já os miseráveis, imersos em uma exclusão que não é apenas econômica, mas também cultural e social, vivem à margem de qualquer laço ou estrutura que os permita resistir ou se erguer.

Singer, com sua sensibilidade de observador e estudioso, não limita sua análise à constatação dos fatos. Ele aponta que a miséria, para ser verdadeiramente erradicada, exige muito mais do que um simples alívio de suas dores. É necessário um esforço conjunto, integrado e estrutural, que não apenas acolha, mas também devolva a essas pessoas a dignidade de pertencer, de sonhar, de viver.

Nessa perspectiva, a pesquisa e a produção do livro-reportagem “Ecos da rua: retratos de sonhos e lutas”

INQUIETAÇÕES

buscam preencher uma lacuna na representação de grupos marginalizados, oferecendo uma visão mais detalhada e profundamente humana das suas experiências. Por meio de suas histórias e do dia a dia, o livro se propõe a lançar luz sobre as trajetórias de pessoas que, à margem da sociedade, viveram em situação de rua ou enfrentaram a dura realidade de serem imigrantes e refugiados. Em um olhar atento e jornalisticamente imersivo, busca-se capturar não apenas os desafios diários, mas também os esforços hercúleos para a reintegração e a conquista de seus espaços legítimos na sociedade.

O objeto de pesquisa desta obra é uma investigação jornalística que mergulha na aporofobia, explorando suas implicações na vida de indivíduos que, por um período, habitaram as ruas ou se encontraram no limbo das políticas de acolhimento a imigrantes e refugiados. O objetivo é desvendar como a aporofobia se entrelaça com as vivências desses personagens, desde a experiência dolorosa nas ruas até a sua rotina atual, após ter superado essa condição de marginalização.

Mais do que um levantamento factual, esta investigação propõe-se a documentar e retratar as histórias de vida dessas pessoas, dando-lhes visibilidade em um espaço que, muitas vezes, lhes é negado. Ao fazer isso, a obra não apenas revela as complexidades de sua realidade cotidiana – incluindo aspectos como trabalho, lazer e estudo –, mas também analisa o impacto da aporofobia em suas existências. Este trabalho busca não apenas entender, mas também refletir sobre o poder destrutivo desse preconceito e suas reverberações na luta pela dignidade e pelo direito

INQUIETAÇÕES

à humanidade.

Assim, depois de apresentar as intenções – que aqui se revelam como inquietações –, resta-me entregar as páginas que seguem. Ao planejar a estrutura deste livro, me vi diante de um dilema que procurava evitar: o temido e restritivo padrão. Durante o processo de construção dos capítulos, tentei encontrar uma fórmula que pudesse ser aplicada a todas as histórias, mas, ao refletir, percebi o quão impreciso seria esse esforço. Afinal, se nem mesmo as entrevistas se desenrolaram da mesma maneira, como poderiam as histórias seguir uma regra tão inflexível?

Foi então que compreendi: a essência dessas narrativas reside justamente na sua pluralidade. Cada história tem um ritmo próprio, um respiro único e, assim, ao leitor que deseja se embrenhar nesse labirinto de páginas, faço um convite simples e sincero: não busque um padrão nas linhas que preenchem estas páginas. Ao contrário, abra sua mente e seu coração para a singularidade de cada trajetória. Que o olhar se dilate diante da força de Jeremias, da coragem de Grécia, da luta de Amarildo e das esperanças de Lauzenir. Pessoas que, com generosidade e acolhimento, me receberam em seus mundos, me permitiram adentrar em suas memórias de dor e de superação e, com um gesto de confiança, compartilharam as confidências mais íntimas de suas vidas. A elas, deixo minha mais profunda gratidão por contribuírem com esta obra.

Cada palavra escrita neste livro carrega a marca de suas histórias. A elas dedico minha escrita e minhas horas de reflexão, com a esperança de que, por meio dessas palavras, suas jornadas sejam retratadas com o respeito e a

INQUIETAÇÕES

dignidade que cada uma delas merece. E, além disso, desejo que seus sonhos, que aqui se entrelaçam com os sonhos de tantos outros, sejam realizados, que o futuro, com toda a sua complexidade, lhes reserve um espaço de conquistas e reconciliações.

Agora, após estas páginas introdutórias, convido o leitor a aprofundar-se nas histórias que se seguem, a atravessar as linhas que, mais do que relatos, são pedaços de vida, pedaços de humanidade que se entrelaçam, se chocam e se reinventam. Que ao percorrer este caminho, o leitor não se limite à superfície, mas que sinta a textura de cada experiência, a pulsação de cada relato, como se suas próprias histórias se entrelançassem com as histórias contadas aqui.

Boa leitura!

1

*Entre ruas, crenças e saber
universitário*

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

Após dias amanhecendo com o céu coberto por uma névoa cinza advindas dos incêndios criminosos que ocorreram no país, a segunda sexta-feira do mês de setembro de 2024 amanhecia límpida sem lembranças da fumaça que escondia prédios, árvores e a visão do horizonte na cidade de Londrina.

A cidade é conhecida, por moradores e viajantes, como “pequena Londres”, nome advindo da influência britânica durante o processo de loteamento, especialmente por meio da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que foi majoritariamente financiada por investidores britânicos, ou, também, como “capital do café”, por conta do seu papel histórico como uma das maiores cidades produtoras de breja, especialmente durante auge da produção cafeeira no norte do Paraná.

Sem a fumaça que viajou quilômetros, com o sol das 9h brilhando em conjunto com a brisa fresca, a lanchonete Gente Boa se enchia de estudantes, muitos procurando café para iniciar a manhã.

Ao redor, mesas acinzentadas tomavam conta do espaço ao ar livre, muitas delas feitas para acompanhar um grande número de estudantes que percorriam os corredores do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), construído em 1973 e que abriga, há anos, diversos cursos de graduação, sendo lar para os estudantes da Universidade Estadual de Londrina (UEL) que, em meio ao canto das aves, tinha as portas de suas salas abertas para mais um dia letivo.

Mas este capítulo não se refere a história e frutos do espaço, mas sim, de um personagem singular e único.

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

Chegando ao centro, próxima às mesas, escolho um local com poucas pessoas e uma sombra que trazia consigo não apenas um refúgio ao sol, mas uma brisa confortável. De cabelos soltos, blusa preta e uma calça jeans, eu, Luiza, aguardava a chegada do personagem com uma bolsa e um bloco de notas pequeno em mãos.

Ao caminhar pela grama cortada, mensagens chegam em meu celular. Era Jeremias Emídio Ferreira avisando que estava próximo ao local, mais especificamente, passando pelo Serviço de Bem Estar à Comunidade (SEBEC) da Universidade. De longe, o homem de 42 anos, que não dispunha de uma foto própria no *WhatsApp*, tendo apenas uma imagem dos livros que o cerca, avançava com passos calmos e curtos e, aos poucos, começava a ganhar características.

De cabelos lisos e curtos, roupas e calçados pretos, olhos profundos e acinzentados, Jeremias estende a mão e logo se acomoda para compreender o que estava acontecendo. Contudo, na mesma velocidade em que se senta, levanta-se, e sai para procurar água. Ao voltar, Jeremias começa a narrar sua trajetória com um sotaque nordestino suave e, em meio a frases confusas, revela desconfiança, transmitidas através da inquietação nas mãos, por estar diante de alguém, até então, desconhecido.

A história de Jeremias começa em Japira, Paraná. O município é carinhosamente apelidado como “Cidade Sorriso do Norte Pioneiro”, epíteto que reflete o espírito acolhedor, amigável e simples da população de 4 mil japi-rensens. Localizada a 280 km de Londrina, a cidade é rodeada de áreas naturais exuberantes. Lá, Jeremias nasceu e fez

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

morada até os 5 anos até que se mudou para Sorocaba, São Paulo, onde passou parte dos seus 42 anos.

A “Cidade da Indústria” ou “Manchester de São Paulo” tem sua origem ligada à mineração e ao ciclo do ouro no Brasil colonial. Além disso, a cidade se destacou no ciclo do tropeirismo, sendo um importante ponto de passagem para os tropeiros que levavam gado e mercadorias do Sul para São Paulo e outras regiões. Hoje, industrializada, é composta por uma população de 700 mil pessoas, todas, tentando sobreviver, e não seria diferente com Jeremias e sua família.

Um pouco relutante durante nossa conversa, ele conta que em sua infância, frequentava a escola normalmente “*enquanto sociedade civilizada*”, dizia. Mas foi uma frase, dita por sua mãe, uma mulher pernambucana, que o fez entender como adquirir, com o tempo, conhecimento e sabedoria. Com a voz cheia de lembranças e de sentimento, ele conta que a resposta se resumiu à simplicidade de um dicionário e uma Bíblia e, assim, ele tem caminhado durante seus 42 anos com este eco de sabedoria dito quando, ainda, era um menino.

Ao relembrar o passado, conta que foi criado em um ambiente tradicional e religioso. “*A mãe na Assembleia, o pai frequentou a Congregação, meu irmão ia na Batista, um na Adventista e o outro na Quadrangular. Que bagulho louco. Uma igreja diferente para cada um.*” Logo após a confissão, rimos devido à diversidade de espaços religiosos frequentados. Mesmo com os membros familiares frequentando os templos religiosos, ele narra sua infância amparada na simplicidade da palavra “*comum*”, sem muito contato com os

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

locais. *“Claro que não, né, mulher. Só conhecida pelo convívio familiar”*, reafirmou, sorrindo, ao ser perguntado sobre sua frequência. Contudo, mesmo não estando ligado aos espaços, ele demonstra que manteve a fé em Deus, enfrentando adversidades durante sua vida.

Fulgor místico e sacralidade

Estando presente no Brasil desde abril de 1854, com a inauguração da primeira ferrovia do país - a Estrada de Ferro Pedro II que ligava o Rio de Janeiro a Petrópolis – os trens desempenharam um papel crucial na transformação econômica e social do Brasil. Ao longo do século XIX e início do século XX, a construção de ferrovias expandiu-se pelo território nacional, conectando diversas regiões e Sorocaba não estaria fora desse cenário.

A história dos comboios em Sorocaba começa em 1875 quando a Estrada de Ferro Sorocabana foi inaugurada. Essa linha foi uma extensão da Estrada de Ferro São Paulo Railway, que ligava a capital paulista ao interior do estado. Hoje, o município conta com duas ferrovias principais e, devido a sua extensão, é difícil dizer onde a primeira experiência mística de Jeremias ocorreu.

Aos 7 anos, enquanto se preparava para ir à escola logo pela manhã, escutou um conselho de seu pai, um homem pernambucano, *“tome cuidado porque sonhei que ia acontecer alguma coisa ruim com você”*. Mais tarde a profecia se cumpriu.

Ao sair de casa e caminhar pelo trajeto que percorria todos os dias, foi atropelado pela locomotiva. Uma ex-

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

periência que o colocou perto da morte quando ainda era, apenas, um menino. Internado em Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) durante dias, ao acordar, ouviu de seu pai uma frase que ecoa em sua mente até hoje: *“Eu não te avisei?”*

Anos mais tarde, já adolescente, Jeremias carregava não apenas as cicatrizes do acidente, mas também um vazio difícil de preencher. Em busca de sentido ou talvez escapismo, foi atraído para um caminho que se tornava cada vez mais comum entre jovens da sua geração. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), a experimentação ou exposição de substâncias cresceu em dez anos, envolvendo um número crescente de jovens indo de 8,2% em 2009 para 12,1% em 2019, acredito que tanto eu quanto você já presenciamos o álcool durante a adolescência e Jeremias, aos 15, entrou nesse universo.

Inicialmente, o consumo era voltado para bebidas alcoólicas, passando para a maconha até chegar ao crack, fazendo com que os conflitos nas ruas fossem constantes e sua vida se tornasse vulnerável.

Em sua trajetória, ele conheceu a violência e a face sombria da rua ao ter, pela primeira vez, uma arma apontada em sua direção. Na ocasião, os tiros não surtiram efeito. As balas pipocaram, não saíram e ali, naquele momento, viu uma oportunidade de correr. Ao narrar esse fato, ele relembra que ao percorrer o caminho, alguns tiros saíram da arma, mas nenhum o atingiu.

Em outro momento, uma briga foi crucial para deixar a cidade que o acolheu quando era criança e foi palco para diversas ocasiões. Em 2017, Jeremias foi cobrar di-

nheiro de um homem e acabou sendo espancado. Depois disso, voltou para casa, apanhou um facão e, no caminho, teve outra experiência espiritual ao escutar uma voz que o questionava sobre o que iria fazer da própria vida. Jeremias deixou o homem vivo e saiu da cidade. Ele acredita no poder de Deus em sua vida, pois crê que o Divino o protege e o livra há muito tempo. *“Se for classificar que eu saí da minha cidade, pronto. Já na rodoviária virei morador em situação de rua.”*

De acordo com o estudo A população em situação de rua nos números do Cadastro Único, de autoria do especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Marco Natalino, nos últimos 10 anos, das 96 milhões de pessoas presentes no Cadastro Único (CadÚnico), 227 mil pessoas estavam oficialmente registradas como em situação de rua. Isso representa um salto de 935,31% em comparação à mesma pesquisa divulgada em 2013, que somava quase 21 mil.

Para sair de Sorocaba, Jeremias pegou o acerto que fez com o ex-patrão em conjunto com algumas economias. O valor era suficiente para comprar uma passagem até Curitiba, Paraná, e custear um mês em uma pensão na capital que, hoje, possui aproximadamente 3.600 pessoas em situação de rua. Os dados são do Sistema Cadastro Único (CadÚnico) do Governo Federal. O dinheiro de Jeremias acabou e as ruas passaram a ser seu refúgio.

Com cerca de 453 praças públicas, a cidade é conhecida por suas amplas áreas verdes e praças bem cuidadas

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

que servem como espaços de lazer, convivência e eventos comunitários. Nesse suntuoso número, um deles foi o local onde Jeremias passou sua primeira noite em companhia de outra pessoa em situação de rua.

Após sair de Sorocaba e ir para Curitiba, ele esteve em cinco outras localidades. Seus caminhos cruzaram Campo Largo, região metropolitana de Curitiba até Palmeira, localizada ao centro-sul do estado, distância que fez em três dias ao lado de seu amigo. Logo em seguida, conseguiram uma passagem para Ponta Grossa, onde trabalhou fazendo bicos e assentando tijolos na área da construção civil. De lá foi para Santos, em São Paulo, tentar a vida. *“Horível. Em Santos o clima é pesado”*, descreveu o período em que esteve no Porto fazendo com que a estadia fosse mais difícil por conta da *“energia ruim”* que havia no lugar e as drogas. Foi lá que teve outra experiência de quase morte.

Depois de passar quatro dias sem comer, apenas bebendo água e cheirando cocaína, começou a ver sombras e alucinações. Em sua tentativa de escapar dos *“decaídos”*, pessoas que estão vivendo em condições de extrema pobreza, marginalização ou desespero - muitas vezes relacionadas ao uso de drogas ou situações de vida difíceis - saltou o muro de uma propriedade privada, onde foi confrontado por um homem armado. *“Sempre tive aquela visão de que, se chamar por Jesus Cristo, ele vai me ajudar.”* O homem então puxou sua arma e disparou várias vezes, conforme relatado por Jeremias, mas nenhum tiro o atingiu. Hoje ele enlaça o que aconteceu com a misericórdia de Deus.

O desembarque em Londrina

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

“Chegar em Londrina foi fruto de oração. Eu estava moído, quebrado. Aí eu falei, ‘é, senhor, não posso, só tu podes. Para onde?’ E aí surgiu a palavra Londrina. Então, no outro dia, entra um guarda municipal perguntando pelo meu nome. Eu falei ‘vichi, já era’. Aí ele me entrega um papel, uma passagem.”

Naquele mesmo ambiente, ele escutou os questionamentos e julgamentos de uma assistente social diante da ação do guarda ao dar a passagem. *“Ela comentou em alto e bom tom, ‘os caras, ao invés de estar aí na sociedade, está aqui trazendo passagem para esses caras, velho’. Eu olhei a cena, falei, ‘caraca’. Não deu para gravar, mas ficou marcado na minha mente e no meu coração.”*

As críticas verbais diante da atitude do guarda é apenas um exemplo do que é proferido em diversos ambientes e situações, pois, a valorização das pessoas pelo que elas podem oferecer economicamente em uma "sociedade de troca", em que todos são valorizados pelas contribuições materiais. Pessoas em situação de vulnerabilização social são consideradas "sem-lugar". Esse é um dos argumentos utilizados por Adela Cortina Ortis, idealizadora da aporofobia um neologismo que vem de duas palavras gregas: "áporos", o pobre, o desamparado, e "fobéo", que significa temer, odiar e rejeitar.

Em 2017, Jeremias finalmente chegou em Londrina onde alternou sua estadia entre abrigos e a rua. Na cidade, com ajuda de integrantes da Igreja Protestante, conseguiu um tratamento em Rolândia, a 25 km de Londrina. Lá, passou seis meses internado em reabilitação. *“Foi muito bom, mas uma semana depois de sair já estava no crack, na cocaína.”*

Na “Capital do Café”, um destino diferente dos ou-

tros lugares o aguardava, com os passar dos dias, seu contato com o Centro Juvenil Vocacional foi aumentando por meio de Lua Gomes, coordenadora do projeto Conexões Londrina, iniciativa que busca aplicar nas periferias um constructo de atividades sociais utilizando arte, educação, fomento à cultura e saberes. Lua Gomes é representante da Central Única das Favelas (Cufa), organização que atua em todo o Brasil, incluindo em Londrina, com o objetivo de promover o desenvolvimento social, econômico, cultural e esportivo de jovens das favelas.

Lua foi a responsável por incentivar e inscrever Jeremias no Cursinho Pré-Vestibular Passo a Passo para a UEL. *“Eu nem queria. Foi a Lu que falou ‘vai lá e faz’.”* Para agradar a coordenadora, ele frequentava as aulas. Ao mesmo tempo, sofria com a diferença do ambiente e com a abrangência dos conteúdos passados durante as disciplinas.

No dia 16 de janeiro de 2024, data marcante para mais de 2 mil pessoas, a Universidade Estadual de Londrina (UEL) liberou a primeira convocação dos aprovados no vestibular. A euforia de estar entre os aprovados é uma mistura de sentimentos que vão desde a alegria explosiva, até o receio por estar prestes a encarar uma nova jornada, diferente, desconhecida, mas enriquecedora.

Na longa lista de 53 cursos de graduação, Letras-Português foi a opção de diversos candidatos, dentre eles, Jeremias. Ele optou pelo curso de licenciatura devido a sua paixão pela literatura. Entre os livros que o cerca, a Bíblia é o mais notável, mas as obras nacionais como *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade; o *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, por Lima

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

Barreto entre outras criações, ganham espaço e fazem morada em sua mente. Além disso, o apreço pela escrita que “ganha vida” também o motivou, mesmo que ele apenas “rabisque” alguns textos.

Ao conferir a lista de aprovados, não restou dúvidas. Era seu nome, Jeremias Emídio Ferreira, que ocupava um espaço nas telas de visores e jornais da cidade. *“Eu falo que é misericórdia do Alto. Me carregando. (E como você se sentiu quando você passou?) Estranho. (Por quê?) Porque agora tem uma resposta, agora é compromisso. (E como você vê isso para além de ser uma responsabilidade?) O ato de se comprometer com ela e mudar as caminhadas é uma coisa que ainda tô no processo. 27 anos, né, não são 27 dias.”*

No dia 17 de junho de 2024, as aulas tiveram início tanto para estudantes veteranos quanto para recém-aprovados no vestibular. Neste ano letivo, o calendário é mais curto a fim de ajustá-lo ao calendário civil, um desafio a mais para todos aqueles que frequentam o campus.

O estudante, agora, reside da Moradia Estudantil, unidade classificada como equipamento social, com a finalidade de abrigar em espaço físico específico estudantes da universidade, contemplados por meio de seleção socioeconômica. Ele estuda no período noturno e tem gostado de frequentar as aulas. *“É bom, claro que é bom. Todo conhecimento agrega, mas o confronto de culturas é muito louco.”* Ao longo de 91 dias, ele conta que tem aprendido com os professores a contextualizar e dar um norte para suas ideias e tentado fazer amizades, com o Pedro *“um bom colega”*, descrito por ele.

Durante a conversa, ele relembra que precisa com-

ENTRE RUAS, CRENÇAS E SABER UNIVERSITÁRIO

prar algumas coisas para organizar e limpar sua casa, o que nos leva para o fim da conversa. Ao caminhar para pegar o ônibus 307 ele conta sobre o futuro, pensa em ser professor e lecionar em áreas mais distantes como, distritos e que espera da universidade uma oportunidade para que novas portas sejam abertas.



2

O sopro das escolhas

O sopro das escolhas

Durante o processo de apuração jornalística, é comum contar com a colaboração de diversas pessoas para encontrar personagens e, com essa autora, não foi diferente.

Em agosto de 2024 entrei em contato com Taís Roberta Gaio Paton Monsato, a coordenadora de Gestão do Programa de Atendimento e Acompanhamento aos Migrantes, Refugiados, Apátridas e Suas Famílias, executado pela Cáritas Arquidiocesana de Londrina, localizada em um bairro tranquilo do município. Em outro momento, ela foi de grande ajuda para construir um texto acerca da presença de imigrantes e refugiados na cidade e, agora, seria igualmente importante para mediar o contato com a imigrante, uma mulher trans que protagoniza este capítulo, a Grécia Alexandra Iriarte.

Ao explicar a proposta do livro fiquei com receio da resposta de Paton, afinal, as histórias narradas não são de personagens criados, mas de pessoas reais, plurais e singulares que devem ser tratadas com respeito e dignidade. Contudo, a advogada foi solícita. O contato com Paton se estendeu até o dia 19 de setembro, data na qual a entrevista presencial com a Grécia seria realizada.

No dia, fazia muito calor e havia “um sol para cada cabeça” como diz o ditado. Ao me encontrar com Paton, nos dirigimos para a ocupação Flores do Campo que tinha, até o segundo semestre de 2024, mais de 3 mil habitantes. Durante a visita ao assentamento, percebi a presença de homens e mulheres de diversas idades que caminhavam, brincavam e conversavam na rua coberta pela reputada “terra roxa” do Paraná, conhecida pelo solo fértil.

O sopro das escolhas

Seguimos de carro por um percurso de 12 km, durante o qual as conversas sobre a personagem preenchiam o ar. Ao chegarmos à divisa entre a estrada asfaltada e a via de terra, logo avistamos a casa de Grécia, situada perto da entrada da ocupação. Os portões, frágeis e envelhecidos, se abriram facilmente, mas, ao chamarmos seu nome repetidamente, ela não apareceu. Sem deixar recados no celular, decidimos retornar à Cáritas e remarcar a entrevista. Mais tarde, Paton informou que, naquela manhã, Grécia tinha uma consulta médica agendada.

No dia 4 de novembro daquele ano, fui informada de que a Grécia havia se mudado. Inicialmente, fiquei surpresa com a notícia, mas logo recebi a mensagem de que a entrevista ainda estava confirmada, embora agora seria realizada por chamada de vídeo, via WhatsApp. Em minha mente, isso parecia reduzir o calor humano e a proximidade que eu esperava, mas, numa terça-feira nublada e de poucos ventos, no dia 5 de novembro, às 9h40, tivemos nosso primeiro contato.

*Eu sou da Venezuela. Tenho 46 anos.
Sou uma pessoa trans*

Ao atender a ligação, me deparei com uma imigrante venezuelana, de 46 anos, sorridente, alegre e acolhedora. Ela me cumprimentou e disse que “*precisava de um pouco mais de tempo para se arrumar*” e, obviamente, não iria me opor a isso, uma vontade genuína de uma pessoa vaidosa que zela por sua aparência. Mesmo havendo algumas perguntas coringas prontas para serem feitas, Grécia não se

O sopro das escolhas

conteve e logo começou a narrar sua história marcada por uma luta constante para se manter viva e resistente.

Logo no início da conversa, ela fez questão de me apresentar, mesmo que a distância, o espaço onde, agora, chamava de lar. O cômodo foi indicado por um velho amigo. Na ocasião, o espaço quadrado com paredes brancas tinha poucos móveis, mas muitas caixas advindas da mudança, organizadas no canto do ambiente.

De forma simultânea, por conta da presença das caixas, ela me contava um pouco sobre a doença renal crônica (DRC), uma condição que se caracteriza por uma deterioração gradual e irreversível da função renal. A DRC é considerada um problema de saúde pública e pode levar à paralisação dos rins se não for identificada e tratada, ela – Grécia – conta que seu rim esquerdo parou de funcionar e que, por conta disso, fez em torno de seis sessões de hemodiálise e uma cirurgia para inserir um cateter no abdômen no Hospital Universitário (HU) de Londrina para realizar, em casa, a diálise peritoneal. *“Eu conecto aqui e a máquina faz tudo.”*

Embora a praticidade de realizar o tratamento em casa seja um alívio, ela compartilha os incômodos do dia a dia, como os sons incessantes do equipamento médico. No entanto, apesar desses desconfortos, ela celebra - com entusiasmo e a força vibrante de sua língua materna - o progresso do tratamento. *“Graças a Deus, está dando certo. Melhorei muito, muito, muito.”*

Além do horizonte, a chegada

Em 2021, o mundo ainda enfrentava os desafios

O sopro das escolhas

causados pela pandemia da Covid-19. Em especial, no Brasil, ainda com o presidente Jair Bolsonaro no comando do Executivo, o país enfrentou um dos anos mais desafiadores, sendo marcado por picos altos de casos e mortes, vacinação em massa – ou a negligência dela - crises no sistema de saúde e disputas políticas.

No início do ano, houve explosões de casos e mortes advindos da segunda onda da doença. Esse cenário fez com que o país alcançasse recordes diários de mortes e o aumento do luto global. Além disso, a crise também afetava o sistema de saúde que lidava, diariamente, com a falta de leitos nas Unidades de Tratamento Intensivo (UTI), oxigênio, medicamentos para entubação e demais suprimentos necessários para garantir a segurança daqueles que estavam na linha de frente contra a doença e da população internada nos hospitais.

Nesse entrelaçar de luto e lutas que bordaram os dias, na aurora do dia 23 de janeiro de 2021, Grécia transpôs as fronteiras do país e chegou até Corumbá, no Mato Grosso do Sul.

Ao analisar os dados da 9ª edição do Anuário Refúgio em Números, responsável por apresentar estatísticas inéditas que permitem entender as diferentes nuances do refúgio no Brasil, é possível identificar que, no ano de 2023, o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) decidiu pelo deferimento de 128 processos. Isso significa que, naquele ano, o Comitê reconheceu 77.193 pessoas refugiadas no Brasil, uma variação positiva de 1.232,1%, se comparada ao ano de 2022, quando foram reconhecidas 5.795 pessoas como refugiadas.

O sopro das escolhas

Logo, este número, somado ao número de pessoas reconhecidas em 2022 (65.840 refugiados), o total chegou a 143.033 reconhecimentos.

Os dados do relatório ainda chamam a atenção para o número de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiados venezuelanos, 112.644 solicitações, que corresponderam a 81,4% do total de pedidos apreciados pelo Comitê e por sua Coordenação-Geral, em 2023. Destacam-se, ainda, as solicitações de haitianos (5,6%), cubanos (2,9%), angolanos (1,7%) e bengalis (1,2%).

A decisão da Grécia de vir para o Brasil e se tornar parte dos 1,5 milhão de imigrantes foi tomada a partir de uma conversa que teve com seu, até então, parceiro com quem vivia em Lima, capital do Peru. *“Ele me disse que tínhamos uma oportunidade de trabalho no Brasil, mas disse, também, que não tinha dinheiro para as passagens dos dois. Então, perguntei: ‘devo ir ou fico?’, e ele respondeu: ‘vamos, será melhor para nós.’”* Assim, o companheiro fez a trajetória antes da Grécia. *“Quando as fronteiras abriram, decidi ir para o Brasil de surpresa. Meu parceiro mandava dinheiro e o comprovante tinha o endereço e o telefone. Vendi algumas coisas, comprei a passagem e fui. Cheguei ao Brasil, como disse, por Corumbá.”*

O município fundado em 1778 possui uma população de 96 mil corumbaenses famosos por residirem na "Capital do Pantanal", sendo um importante ponto de acesso para a rica área de biodiversidade e destino popular de ecoturismo. A cidade também destaca-se por sua economia baseada na mineração, pecuária e comércio internacional, já que faz divisa com a Bolívia, atraindo turistas para compras e integração cultural. Foi nessa cidade que ela co-

O sopro das escolhas

meçou sua trajetória no país que perpassou por diversas outras localidades.

Em Corumbá, Grécia teve acesso ao serviço da Casa do Migrante, uma unidade da proteção social especial com objetivo de acolher famílias ou indivíduos oriundos de mobilidade humana e/ou migração internacional. No caso, o espaço vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania presta apoio a famílias que saem de seus países de origem em busca de oportunidades, emprego, renda, educação, saúde ou mesmo fixar residência no Brasil.

A Casa tem, segundo informações disponibilizadas pela Prefeitura de Corumbá, uma equipe técnica voltada para a orientação e encaminhamento de migrantes internacionais para regularização documental e outras necessidades pertinentes a cada caso. *“Me deram apoio, comida, descanso e ajuda para seguir viagem. Ainda me ajudaram a iniciar o processo de documentação. Lá, tirei o CPF. Depois, fui para a fronteira, apresentei-me voluntariamente, recebi a documentação e uma multa porque entrei ilegalmente.”* A 5 horas de Corumbá, Grécia conta que ainda passou por Campo Grande, também localizada no Mato Grosso do Sul, antes de chegar até Cascavel, no Paraná.

Dos ventos do oeste a Guarapuava

Com o nome inspirado pela serpente, que evoca a resistência e a identidade local, Cascavel é considerada como um ponto de prosperidade agrícola, sendo compreendida como o "Celeiro do Paraná".

O sopro das escolhas

Além disso, sua força no agronegócio e o protagonismo como um dos maiores polos produtores de grãos do Brasil inflam o orgulho dos 348 mil cascavelenses. Na cidade, por meio do apoio da Cáritas Arquidiocesana de Cascavel, Grécia teve o amparo e apoio dos colaboradores que, por sua vez, ajudaram-na com demais documentos, mas esse não era o destino final da imigrante. Seu objetivo, até então, ainda era encontrar seu parceiro que havia chegado ao Brasil antes dela.

Você deve lembrar que Grécia, movida pela coragem, entrou no país pelo Mato Grosso do Sul porque comprou sua passagem após vender algumas coisas e com a ajuda do dinheiro que seu companheiro mandava. Pois bem, quando estava em Cascavel ela contou para um dos dirigentes da Cáritas o seu objetivo e ele, por sua vez, disponibilizou-se para ajudá-la.

Através dos recibos salvos em seu celular, foi possível verificar a localização do companheiro. Então o dirigente se prontificou a imprimir a folha e logo o destino da Grécia já estava traçado. O próximo lugar que iria desembarcar eram as frias terras de Curitiba, mas antes, ela fez uma passagem por Guarapuava.

Em 2021, no auge da pandemia, o Brasil viu cerca de 14,6 milhões de pessoas atravessarem o labirinto do contágio, enquanto 420 mil vidas foram tragicamente interrompidas. Acredito que todos vimos a dor de familiares, amigos e até pela dor de desconhecidos nos compadecemos, neste cenário, Grécia, infelizmente, foi acometida pela doença, pois, naquele ano, a cidade enfrentou desafios significativos devido à pandemia da Covid-19.

O sopro das escolhas

No início do ano, em 10 de janeiro, o município registrava 5.407 casos da doença e esse número aumentou consideravelmente conforme os meses foram passando. *“Lá, peguei Covid-19 e fiquei internada por três meses. Sai em abril.”*

Ao sair do hospital, Grécia conta que foi amparada e auxiliada por uma assistente social que, por acaso, falava espanhol e conseguiu, melhor do que ninguém até aquele momento, entender suas necessidades como questões relacionadas ao direito de auxílios governamentais. Grécia conta que, durante o período em que esteve em Guarapuaça, ficou hospedada em um hotel e que estava preocupada com suas bagagens. *“Eu estava hospedada em um hotel, com várias dívidas. Ela foi até o hotel comigo, pagou o que eu devia e levamos minhas coisas para um albergue religioso.”*

Durante o tempo em que esteve naquele lugar, Grécia sabia que o dinheiro não seria eterno. Por isso, encontrar um emprego tornou-se uma necessidade urgente, uma das suas prioridades. Logo, ela começou a vender chocolates e bombons nos semáforos, uma atividade que a acompanhou por um bom tempo. *“Assim, consegui juntar algum dinheiro e aluguei uma kitnet. Era muito apertado, mas pelo menos eu tinha onde ficar.”*

Enquanto escutava atentamente a história, essa autora mal conseguia compreender a imensidão da coragem e da determinação que Grécia carrega em seu peito. Além de enfrentar questões pessoais e íntimas relacionadas ao seu tratamento hormonal, ela também teve de lidar com a chegada turbulenta a um país onde poucos compreenderam suas palavras, mesmo assim ela fez *“vários cursos*

O sopro das escolhas

no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), como culinária brasileira e decoração de bolos. Conheci muitas pessoas e, com isso, consegui fazer limpezas em casas. Trabalhava duro para pagar o aluguel e manter meu tratamento". A todo momento, durante nossa conversa, ela enfatizava que sempre estava procurando uma oportunidade. Uma janela para mostrar seus conhecimentos e que estava ali para acrescentar, para trabalhar e crescer com o fruto dos seus serviços.

Dentre as atividades que ela executava, Grécia também trabalhava como diarista em algumas residências, indicações vindas das mulheres que faziam as aulas dos cursos com ela. Contudo, nem sempre o tratamento nessas casas era respeitoso e, nesse gancho, Grécia narra a história da violência verbal sofrida por ser uma mulher transexual. *"Uma das pessoas para quem trabalhei me tratava muito mal. Ela era grosseira e preconceituosa. Quando a filha dela estava por perto, se comportava de um jeito, mas quando estava sozinha, era outra pessoa."*

A mulher, movida pelo preconceito e pela violência, ainda afirmava que Grécia era um mau exemplo para seu neto de 4 anos e dizia que ela não estava trabalhando por, em certos momentos do dia, sentar-se em uma cadeira e descansar as pernas cansadas. Grécia trabalhou por cerca de três dias no lugar e, por menor que tenha sido seu período na residência, a violência sofrida a machucou e marcou de formas incomensuráveis.

A realidade enfrentada por Grécia e demais mulheres trans no Brasil segue sendo uma pauta de extrema urgência e atenção devido aos altos índices de violência e discriminação. De acordo com a 7ª edição do Dossiê: assas-

O sopro das escolhas

sinatos e violências contra pessoas trans em 2023, elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) a “violência contra pessoas trans permaneceu endêmica, com centenas de vidas perdidas, muitas sem tratamento adequado pelo Estado”.

O estudo aponta que, em 2023, houve um aumento de mais de 10% nos casos de assassinatos de pessoas trans em relação a 2022. Entre as mortes em 2023, foram 155 casos, sendo 145 casos de assassinatos e 10 casos de suicídio.

“Cheguei a um ponto em que não aguentei mais. Saí da-quele emprego e segui com meu tratamento. Foi muito difícil lidar com a discriminação e o preconceito, porque isso afetava muito minha saúde mental. Além do tratamento hormonal, enfrentei a depressão. Chorava muito, mas continuei lutando. Hoje, graças a Deus, estou melhorando.”

Curitiba: o silêncio entre o encontro e o adeus

Conhecida pelo clima frio, sobretudo no inverno, Grécia desceu na rodoviária da capital do estado, Curitiba, no Paraná, com um objetivo em mente. Não consigo mensurar como é chegar em uma cidade que conta com a circulação de 1 milhão de pessoas para encontrar somente uma. Em especial, aquela que deveria estar lhe esperando.

“Quando cheguei ao endereço do local, me deparei com uma mulher trans mais jovem que eu e muito linda. Ela me perguntou quem eu era.” Em bom tom, Grécia conta que estava procurando por seu parceiro que, supostamente, deixava o trabalho às 18h. *“Perguntei se havia algum problema em espe-*

O sopro das escolhas

rar e ela respondeu que não, mas que eu não poderia esperar na casa. Então, voltei para a rodoviária."

Ao retornar para seu ponto de partida – a rodoviária – recebeu uma ligação de um “compadre”, um amigo de ambos, que a questionou sobre sua chegada ao Brasil e então o homem comunicou que seu companheiro deveria explicar algumas coisas a ela. *“Quando ele chegou, me deu 300 reais, um almoço e foi embora. Nunca me olhou nos olhos. Nunca me explicou nada. Fiquei sozinha em Curitiba, sem entender o idioma, em situação de rua. Foi horrível.”* A voz embarcada, ao se recordar do momento, revela muita dor.

Sua estadia na capital não perdurou por tanto tempo. Grécia relata que teve muita dificuldade em lidar com a apatia da cidade. *“Decidi não ficar lá porque as pessoas são muito frias. Discriminam muito, principalmente por questões de identidade de gênero. Olhavam para mim de forma desrespeitosa.”* Além disso, ela relata que tentou conseguir trabalho, mas não obteve sucesso e, assim, acabou retornando para Guarapuava.

*Meu filho, na Venezuela. Minha filha, na Espanha.
E eu, entre eles, aqui no Brasil.*

Quase 40 minutos de ligação haviam se passado. O céu, aqui em Londrina, estava nublado, mas a sensação térmica ainda era de calor e, emocionada ao recordar, Grécia enfatiza que sempre zelou pela sua integridade e que tem orgulho de sua trajetória, sobretudo quando lembra de seus filhos. *“Criei dois filhos, uma menina e um menino, que não são meus.”* Ambos são filhos por adoção.

O sopro das escolhas

A menina, hoje uma mulher chamada Victoria, mora na Espanha com o companheiro e foi adotada a partir de um parente em comum. Já o homem, chamado Winston Ronaldo – nome que expressa a junção de Winston Vallenilla, do ator e Deputado da Assembleia Nacional da Venezuela, e Ronaldo Nazário, ou Ronaldo Fenômeno, jogador de futebol brasileiro amplamente conhecido e, até hoje, contemplado devido a sua carreira no futebol -, mora na Venezuela e foi adotado por meio de um colega que não gostaria de ter a criança. Ela relembra que, na época, *“dei a minha palavra de que esta criança cresceria saudável e que não lhe faltaria nada.”*

Ao falar deles, ela se lembra dos conselhos necessários para mantê-lo bem e a salvo. *“Meus filhos, graças a Deus, ensinei-lhes a realidade da vida, pois, nas ruas ninguém vai falar com eles sobre isso.”* As conversas e os conselhos fizeram com que ambos caminhassem por caminhos diferentes, mas que surtiram resultados positivos.

Entre o frio da serra e a terra vermelha

Antes de chegar ao “Coração do Norte do Paraná”, Grécia, ainda em Guarapuava, sentiu na pele as dificuldades devido à alta dos preços de suprimentos básicos como arroz, feijão, farinha, macarrão e assim por diante. Mesmo com amparo de auxílios, ainda carecia de ajuda e, na época, os assistentes sociais do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ajudaram-na. Além deles, Os Vicentinos, um movimento católico que reúne voluntários que se dedicam a prestar assistência material e espiritual a pessoas

O sopro das escolhas

necessitadas, também conhecido como Conferência de São Vicente de Paulo, que está presente na Diocese de Guarapuava, também prestaram suporte quando a venezuelana necessitava.

Nesse cenário, Grécia sentia que precisava de um novo horizonte, um novo lugar para tentar se encontrar e, então, através de uma amiga, também venezuelana que mora em Londrina, ela escutou pela primeira vez o nome da cidade.

Contudo, antes que pudesse seguir o caminho, ela relata que, mais uma vez, foi vítima da violência. *“Uma pessoa me deu um chute. Precisei ir ao médico e, na época, fui assistida por uma assistente social que me ajudou com os remédios para curar a ferida.”* A possibilidade de fazer um boletim de ocorrência se tornou cada vez mais real, contudo, *“eu falei para ela que não queria fazer porque não queria mais problemas, sabe?”*, levando a venezuelana a resumir a situação em *“eu caí e me cortei”* devido ao medo que sentia, pois, *“a pessoa era muito perigosa”*.

Depois dessa situação, ela passou a viver com medo de sair de casa e ao relatar o receio para a assistente social, a mesma conseguiu encontrar um abrigo que buscava prestar apoio e assistência para pessoas da comunidade LGBTQIA+ que foram violentadas ou que se encontravam em situação de rua. No local, Grécia iria ajudar na cozinha por já ter feito diversos cursos relacionados à culinária.

Então, em julho de 2022 – ou 2023 -, Grécia se mudou de Guarapuava para Sarandi, uma viagem de 4h, cerca de 287 km. A cidade integra a região metropolitana de Maringá e foi fundada, oficialmente, em 1981. Quando chegou

O sopro das escolhas

ao local, ela estava cercada por uma população de 118 mil sarandienses e ficou surpresa ao descobrir que o que havia conversado, era mentira. Na verdade, segundo Grécia, ela teria que trabalhar entregando os produtos – como detergente líquido – para a mulher que administrava o local. *“Começaram a acontecer coisas comigo que eu realmente não esperava. Então, arrumei minha mala, peguei meu cachorrinho e agradei muito à senhora, mas estava indo embora.”*

Em menos de 15 dias, ela deixou o local e conseguiu amparo em uma igreja, onde auxiliou na cozinha, mas seu caminho até chegar em Londrina ainda passou por Faxinal, a famosa “Capital das Cachoeiras” devido a sua abundância de quedas d’água. Na cidade, uma amiga abriu suas portas para que ela fizesse morada. Contudo, repentinamente, após três semanas, a amiga queria que ela saísse da casa, sem nenhuma explicação prévia.

Durante esse período, ela relata que conheceu um pastor onde nas margens de um templo qualquer, espaço no qual o sagrado deveria abraçar o humano em todas as suas formas, ecoou o silêncio de portas fechadas, no caso, a intolerância religiosa de uma pessoa, com seus dogmas rígidos, recusou - se a contemplar o mistério de uma pessoa trans, que carrega em si a coragem de existir. *“Ele tinha um plano para ajudar as pessoas em situação de rua. Ele os alimentou e lhes deu um lar, no geral, ele era muito bom. Até que o homem quis cortar meu cabelo, queria remover minhas unhas, ele até me deu roupas masculinas. Eu disse a ele ‘sinto muito. Você tem sua crença. Você tem sua religião e eu respeito, mas se não posso viver aqui nas minhas condições, então, vou para a rua.’ Eu não vou cortar meu cabelo. Não vou tirar as unhas. Eu sou*

O sopro das escolhas

como sou.”

Assim, após essa situação, Grécia estava decidida a chegar em Londrina e, através de colegas, conheceu o assentamento Flores do Campo.

A ocupação trata-se de um antigo empreendimento do Programa Federal Minha Casa Minha Vida, financiado pela Caixa Econômica Federal e assinado em agosto de 2013 em conjunto com a construtora Fórmula Empreendimentos Imobiliários.

As obras foram realizadas até janeiro de 2015 e posteriormente paralisadas, até 2016, por falta de pagamento dos funcionários. Naquele ano, chegaram cerca de 400 famílias, os primeiros ocupantes que fizeram do lugar, sua morada.

Mesmo depois de 8 anos de ocupação, o assentamento ainda sofre com a falta de encanamento, saneamento básico, recape asfáltico, energia elétrica e serviços básicos municipais como coleta de lixo, atendimento de saúde e mobilidade urbana. Em dezembro de 2024, o Governo Federal anunciou que descartava concluir as obras do Flores do Campo, localizado na zona norte.

Segundo informações, a União vê a retomada do projeto como inviável e, no futuro, deverá propor uma compensação ao município de Londrina com a construção do mesmo número de moradias, mas em outro local.

Em 2023, Grécia chegou ao Flores e, através de seu trabalho, começou a comprar, aos poucos, janela, porta e suprir demais necessidades básicas da construção.

Mesmo em outra cidade, os desafios persistiam. Ao se recordar do passado, Grécia lembra-se de situações na

O sopro das escolhas

qual sua identidade foi subjugada e discriminada. Em um dos casos, ela conta que precisava passar pela perícia médica do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para conseguir um benefício.

Na ocasião, foi tratada com desdém pelos atendedores por conta do seu nome social. *“Me senti discriminada, maltratada.”* A situação fez com que Grécia procurasse amparo legal e, por meio da Cáritas Arquidiocesana de Londrina e do auxílio da coordenadora de Gestão do Programa de Atendimento e Acompanhamento aos Migrantes, Refugiados, Apátridas e Suas Famílias, Taís, e demais colaboradores, uma advogada da área de direitos humanos foi consultada para procurar a melhor forma de resolver a situação.

Com a orientação da profissional, Grécia conseguiu realizar novamente a perícia e conseguir o benefício, mas essa situação poderia ser evitada. Através do benefício, a venezuelana também conseguiu ter acesso a apoio psicológico que realizava visitas domiciliares. *“Eles vieram à minha casa, onde eu morava. Lutaram muito por mim. Graças a eles, consegui o benefício e, assim, fui avançando.”*

Mesmo recebendo amparo, Grécia relata que não gostou de morar no Flores. *“Muitas coisas ruins aconteciam, é perigoso. Eu vivia com a porta e janela trancadas, porque não queria ver o cenário, sabe? Havia muitas pessoas más e um ambiente como esse nos deixa deprimidos.”*

Na cidade, ela conseguiu os devidos amparos para tratar a doença renal crônica (DRC), além de receber visitas da Cáritas, mas ela não saía muito de casa e contava, diariamente, com a companhia de seu cachorro, Polaco. *“Eu*

O sopro das escolhas

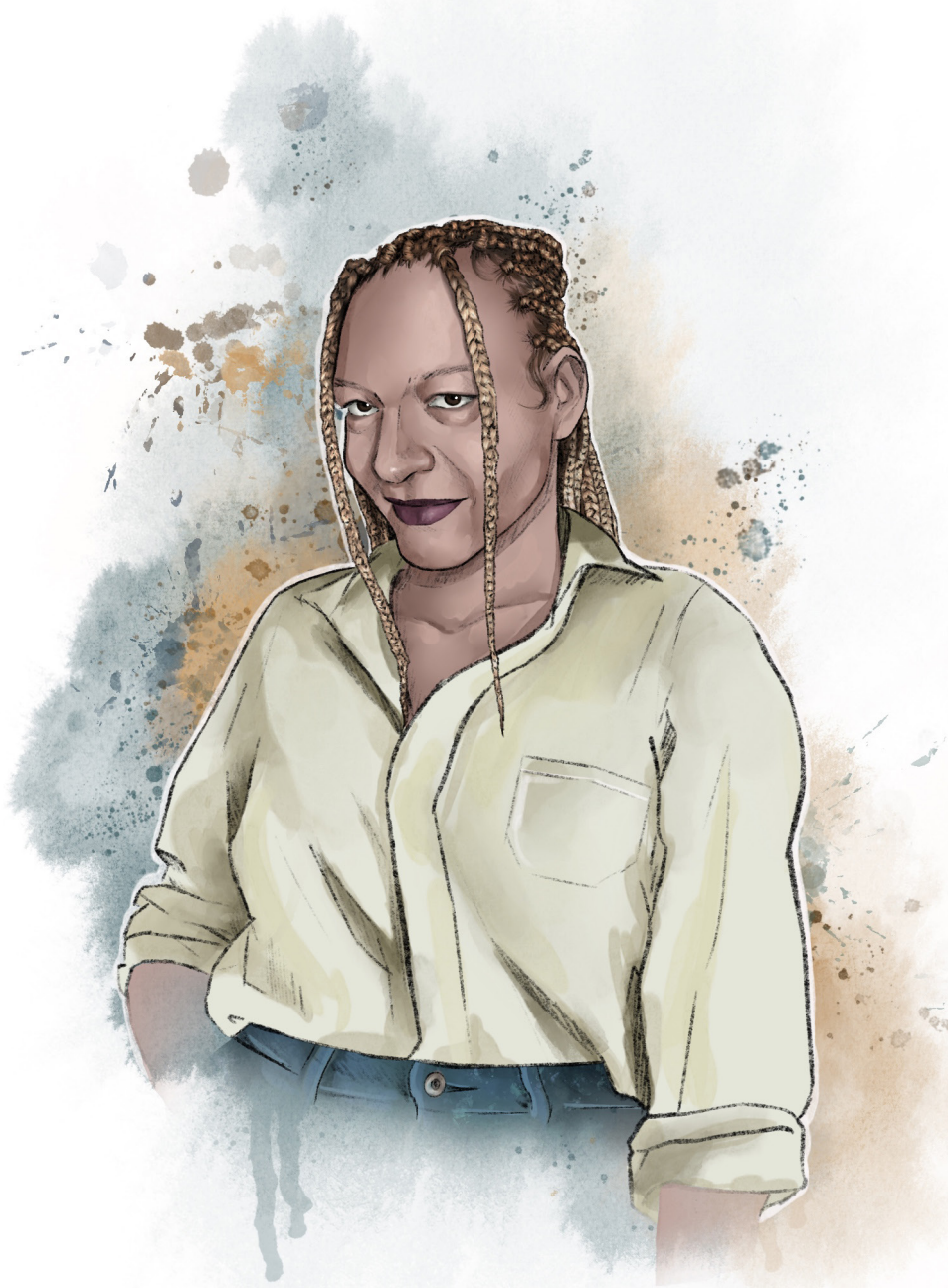
não queria ficar em Londrina. Tomei a decisão de sair por causa de um incidente que tive com outra pessoa porque, com o que aconteceu, senti uma ameaça contra mim.” Assim, ela decidiu que “o melhor e o mais sensato era voltar a morar em Guarapuava”.

Então, através das amizades que construiu em Guarapuava, conseguiu retornar à cidade. Hoje, Grécia mora em uma kitnet localizada no centro, próximo ao supermercado e a uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). *“Tudo é perfeito para mim.”*

Com quase 1h30 de entrevista, Grécia já havia narrado boa parte de sua trajetória, desde as vitórias até os momentos de dificuldades vividos quando chegou no país, assim, a única pergunta possível que poderia fazer. *“O que vem a seguir? agora que você voltou para Guarapuava, o que pretende fazer?”*

Então, ela conta que está guardando dinheiro para emergências relacionadas a sua saúde e que pretende comprar um carro, para não depender totalmente de aplicativos de transporte.

A imigrante que saiu da Venezuela em 2014 para fugir da ditadura, caminhou por países como a Colômbia e Peru até chegar ao Brasil e fazer do país o seu novo lar. Em nossa conversa, ela abriu seu coração ao contar sobre sua vontade de escrever sua própria história. *“Alguém vai ler e levar em conta que não somos criminosos, somos lutadores. Então, eu preciso disso para desabafar para o mundo que, às vezes, te julgam pela aparência e não tem empatia.”*



3

*Do coração alviverde ao
abismo das ruas*

Ao longo da criação desta obra, como já mencionado, muitas vezes se uniram, cada uma trazendo consigo uma história única, mas todas foram encontradas com o auxílio de profissionais que estão, dia após dia, envolvidas diretamente com os personagens que singularizam cada seção e escolhem compartilhar suas histórias com essa autora. Uma delas é Jenifer Araujo Barroso Bilar, assistente social lotada no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) da cidade de Londrina. Esta, que por sua vez foi indicada como referência pelo jornalista Emerson dos Santos Dias, meu professor, fez o contato prévio com dois importantes personagens, contudo, neste capítulo, vamos conhecer o rolandense Amarildo Aparecido.

O mês de outubro de 2024 foi marcado por chuvas abaixo da média histórica em todo o Paraná. O déficit de aguaceiro foi mais expressivo entre o sudoeste e o oeste paranaense e, também, em parte do noroeste e do norte do estado. Foi nesse panorama anormal que se deram os primeiros contatos com Jenifer que se estendeu por todo o mês até chegar em Amarildo.

Através do *WhatsApp* tive meu primeiro contato com o personagem que, prontamente, se colocou à disposição em ajudar. “*Se eu puder te ajudar de alguma forma, estamos aí.*” Sua única reivindicação era que a entrevista acontecesse durante o período da manhã, assim, marcamos nosso encontro para uma sexta-feira, feriado de 15 de novembro, às 9h.

*A história que passou pelo grito da torcida e a
solidão das ruas*

Do coração alviverde ao abismo das ruas

“Até ontem, a nossa missão era fundar a República; hoje, o nosso supremo poder perante a pátria e o mundo é conservá-la e engrandecê-la”, declarou, Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), militar e político brasileiro. Não apenas isso, Deodoro da Fonseca foi o primeiro presidente do Brasil (1889-1891), e uma das figuras mais importantes do país no final do século XIX. O Marechal também é reconhecido como o Patrono da República por ter sido um dos articuladores do movimento político que derrubou a monarquia e marcou o início do regime republicano no país. Ou seja, a Proclamação da República no dia 15 de novembro de 1889, foi resultado de um golpe de estado, articulado por militares do Exército e membros do Partido Republicano Paulista (PRP). Logo, é feriado nacional.

Nesse dia, vestida de camisa preta e um jeans claro, chamei um motorista de aplicativo para chegar até a casa de Amarildo. No caminho, notei que as estradas estavam com poucos carros o que favorecia a ida até a residência. O clima estava úmido e quente ao mesmo tempo, com algumas nuvens no céu, mas que não escondiam a luminosidade do sol. Ao chegar ao endereço, encontro um amigo que iria me acompanhar durante a entrevista. Em frente à residência está Amarildo, de 59 anos, vestido com a camiseta do Palmeiras e short azul.

Ele explica que o local onde mora fica em cima de um restaurante, mas que estava fechado devido ao dia 15, ao mesmo tempo ele complementa: “hoje é meu aniversário”. Ao subir as escadas, encontro uma casa aconchegante, acolhedora e bem organizada. As paredes verdes, repletas de vida, combinam com os móveis simples, mas cheios de

charme.

Conhecida por sua rica história e cultura, refletindo a influência de seus colonizadores alemães, a cidade de Rolândia é um dos municípios que compõem a região Metropolitana de Londrina. Fundada em 1932 por imigrantes alemães, o município recebeu esse nome em homenagem ao lendário cavaleiro medieval que serviu no exército de Carlos Magno e se tornou uma figura mítica na literatura, Roland, símbolo de liberdade e justiça. Com cerca de 71 mil habitantes, Amarildo nasceu e morou na cidade até os 5 anos, aos 6, já havia se mudado para Londrina.

Ele e seus irmãos tiveram uma infância difícil. *“Passei por perrengues como a fome, mas, assim, no geral foi bom, foi muito bom.”* Sua educação foi desenvolvida nas escolas municipais e estaduais de Londrina. Ele conta que estudou até o quarto ano, na Escola Municipal José Garcia Villar, localizada na zona leste da cidade, e no Instituto de Educação Estadual de Londrina (IEEL), onde, na época, fez um curso técnico, no antigo 2º Grau, de Contabilidade.

Logo após finalizar os anos escolares, ele expressa que não estudou mais, apenas trabalhou, então, a dúvida acerca dele ter trabalhado ou não na Contabilidade surge. *“Não, nunca trabalhei. Eu não gosto de Contabilidade. Eu gosto de número, mas não gosto de Contabilidade”.*

Quando ainda estávamos conversando sobre educação, Amarildo dispara que, no passado, tinha vontade de estudar Agronomia, contudo, devido a questões financeiras, não conseguiu ingressar na graduação, mesmo depois de ganhar uma bolsa para estudar na área. *“Aí não deu para fazer, eu comecei a trabalhar também e, depois de um tempo,*

Do coração alviverde ao abismo das ruas

eu desanimei também, não fui mais atrás. Mas eu tinha vontade de fazer Agronomia.”

Com apenas 10 minutos de conversa, Amarildo já havia narrado sua infância e um dos seus sonhos, que perdura em sua mente até os dias de hoje. Agora, falando sobre sua vida profissional, ele conta que, durante 8 anos, trabalhou na rede de supermercadista Viscardi, presente no município de Londrina desde 1955. *“Entrei como pacoteiro e saí como chefe de faturamento. Na época era tudo manual ainda, não era nada informatizado. Aí eles queriam que eu fosse ser gerente.”* Naquele período, por conta de alguns conflitos internos que estavam acontecendo no supermercadista, ele escolheu não seguir na empresa. A partir de um “acerto”, ele encerrou sua trajetória na rede.

Logo em seguida, surgiu uma oportunidade de trabalhar em uma cooperativa do Banco do Brasil. As cooperativas são conhecidas no Brasil como uma alternativa financeira para seus associados por oferecer serviços similares aos de bancos tradicionais, mas funcionam com base em princípios cooperativistas, ou seja, são instituições financeiras formadas por pessoas com interesses em comum (como trabalhadores de um setor, produtores rurais ou microempreendedores) que se associam para obter crédito, serviços financeiros e condições vantajosas. Durante três anos, Amarildo ficou responsável pelo setor de contas a pagar e caixa geral, mas a cooperativa faliu e ele precisou trilhar seu caminho para o que ele descreveu como *“um grande erro que eu fiz”*.

Durante 10 anos, ele trabalhou em uma rede de produtos para supermercados, contudo, na época, não pagou

Do coração alviverde ao abismo das ruas

os alicerces, termo utilizado metaforicamente para designar os fundamentos ou princípios que sustentam as relações de trabalho e garantem os direitos dos trabalhadores. Esses alicerces são representados por normas, legislações e valores que orientam as práticas laborais.

Na empresa, aos 27 ou 28 anos, ele conta que ganhava bem por suas atividades e que, mesmo sendo aconselhado pela mãe a guardar o dinheiro e ter uma reserva para emergências e planos futuros – um conselho comum de toda mãe de bom coração que zela pelo bem-estar do filho. *“O negócio era só festa, né? Cachaça e festa. Eu tive corrente de ouro, carro e terreno.”* Mesmo com esses adereços, o que mais chamou a atenção dessa autora, e do meu amigo que estava acompanhando comigo, foram as 137 camisas do Palmeiras, o que reafirma o compromisso que Amarildo tem com o “Verdão”. *“137 camisas do Palmeiras, tudo original. Eu fiz parte da Mancha Verde, gastei muito dinheiro com o alviverde.”*

No campo da alma, o verde é eterno

A paixão pelo futebol era tão expressiva que, quando estava em Campo Grande, município de São Paulo, chegou a assinar um pré-contrato com um time grande da região. *“Só que o que eu ganhava lá, não era comparado ao que ganhava aqui. Muito pouco dinheiro para a época. Aí eu optei por não ir. Aí os caras falavam ‘você jogou profissional’. Eu falei, ‘eu não joguei profissional’.”*

Durante toda a conversa, naquela manhã, Amarildo deixou evidente a sua paixão pelo Palmeiras, time que o acompanha até os dias de hoje. *“Parte do dinheiro que eu*

Do coração alviverde ao abismo das ruas

tinha daria para comprar um apartamento, mas eu gastei com o Palmeiras. Não me arrependo porque é uma coisa que eu gosto, viu? acho que vem do sangue.”

Em um momento, ao falar sobre a paixão pelo alviverde, ele narra uma de suas histórias. Contudo, algo me diz que ela é uma história comum entre os fanáticos por futebol, em específico, os torcedores que fazem parte de torcidas organizadas. Para além das reflexões sociais, este livro tem por objetivo humanizar pessoas que já estiveram em situação de rua – ou ainda estão – e nada melhor do que falar sobre as paixões que as movem até os dias de hoje. No caso de Amarildo, o “porco” é uma delas.

Era 12 de junho de 1993, sábado, às 16h, duelo 269 de 380 confrontos naquele ano e o Palmeiras iria entrar em campo contra o Corinthians - alvinegro para os íntimos - pelo Campeonato Paulista no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, em São Paulo. Esta não seria a primeira vez. No jogo anterior, o “Coringão” levou a melhor e terminou a partida em 1x0 contra o palestrino.

O duelo entre as duas equipes contou com público de 104.401 torcedores e renda de 18.154.900.000,00 cruzeiros. Com gols de Evair (duas vezes), Edílson e Zinho, o Palmeiras levou a melhor.

“Foi o segundo jogo, um amigo meu falou ‘vamos se enfiar lá?’, falei: ah, não vou não. Ele insistiu mais e então consegui um ingresso e fui”. Mesmo com o alerta da mãe: “Não vai com a camisa do Palmeiras”, a decisão foi diferente. Vestido de verde, seguiu rumo ao estádio.

Ao chegar, antes mesmo do jogo começar, o destino levou à favela de Paraisópolis, um território conhecido por

Do coração alviverde ao abismo das ruas

suas regras não ditas. *“Só tinha corintiano, mano, mas aí tirei tudo que era verde, né, porque lá você não pode andar de verde.”*

No meio da confusão, havia poucos aliados na excursão. Uma senhora japonesa e um rapaz completavam o grupo. Enquanto tentava se camuflar na multidão, um homem começou a filmá-lo. A tensão aumentava a cada passo. *“Esse cara está mutreta do meu lado”,* pensou, enquanto ouvia a ameaça: *“Hoje vamos matar a palmeirense.”*

Apesar do clima pesado, o jogo aconteceu. Após algumas bebidas, parecia que as tensões tinham diminuído. Contudo, ao fim da partida, o caos tomou conta. *“Tomaram a minha camisa. Tomaram a minha bandeira. Levei uma ‘bicuda’ no rabo de um garoto.”* Sem ônibus à vista, a busca pela volta para casa se tornou quase desesperadora.

No caminho, a violência deu as caras novamente. *“Tive que ficar encostado no camburão e os caras vieram com aquele cacetete e deram nas minhas costas. Na época eu falava ‘calma, velho’, e eles ‘estão mijando na nossa cara’, e eu ‘estou mijando de medo’.”*

Finalmente, um táxi apareceu, mas a jornada não foi tão simples. *“Depois de 20 metros encontramos nosso ônibus. Mesmo com a distância sendo menos do que esperava, o taxista fez a gente pagar o valor total e ameaçou: ‘Se não pagar tudo, eu vou falar que vocês são palmeirenses’.”*

Na ocasião, ainda havia energia para comemorar. Convenceram o motorista do ônibus a desviar o caminho até a Paulista, e, com isso, a festa da vitória ganhou novas proporções. *“Fiquei só de cueca e comemorei muito.”*

Entre o amargo do álcool e o frio da calçada

Do coração alviverde ao abismo das ruas

Após sair da empresa, ele conta que sentiu o declínio começando a acontecer em sua vida e o álcool, que “estreeou” ao longo de sua trajetória, aos 18 anos, como uma forma de socialização em festas e demais eventos, passou a receber um nome mais profundo e forte, o vício.

“Quando eu comecei a beber, eu bebia muito. Bebia whisky, cerveja, vodka. Acho que só não bebia pinga. Tem uma amiga minha que trabalhou comigo, a Sandra, hoje em dia ela tem um restaurante lá em Curitiba. Ela falou assim ‘você vai virar alcoólatra’. Aí começa tudo. Você fala, ‘quando eu quiser, eu paro’, mas você não para, você não consegue”. Amarildo conta que, aos poucos, com os transcorrer dos dias, ele foi desanimando da vida e das pessoas. Em suas palavras, há muita gente boa, mas muitas pessoas não valem nada. “Fui desanimando, desanimando e bebendo cada dia mais. Até que eu fiquei, durante uns seis anos da minha vida, estagnado indo para o bar todo dia.”

Até este momento, ele ainda tinha um lar, no caso, morava com seus pais e irmãos. Então, quando sua mãe faleceu, em 2008, e seu pai, em 2011, sua irmã passou a sofrer muito com o luto, pois ambas – mãe e filha - eram próximas. *“Minha irmã sempre me ajudou e até hoje ela sofre com a morte da minha mãe, porque elas eram muito apegadas. Então, quando eu chegava em casa estava bêbado e ela fala ‘porra, todo dia que chego em casa você está bêbado, não tem com quem conversar’. Aí foi indo, até ela discutir comigo e me mandou embora.”*

Quando o especialista em políticas públicas e gestão governamental, da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Do coração alviverde ao abismo das ruas

da (Ipea), Marco Natalino, já citado neste livro, elabora o estudo A população em situação de rua nos números do Cadastro Único, além de expor os dados sobre a população em situação de rua, ele vai além. Natalino aponta que, dentre as causas que levam as pessoas à situação de rua, o uso abusivo de álcool e/ou outras drogas (30,4%) é um dos fatores.

Mesmo Amarildo cultivando uma relação de cumplicidade com sua irmã, a dor do luto era uma sombra que ainda pairava pela vida de ambos. Isso, atrelados aos problemas após sair do último emprego, fizeram com que ele aumentasse o consumo de álcool dia após dias.

Copo atrás de copo ocasionou discussões e, por fim, o levou para as ruas. *“Minha irmã não me abandonou, cara, mas ela falou a verdade. Na época, ela falou ‘eu não consigo mais morar com você, não tem condição porque todo dia é a mesma coisa. Você não precisa trabalhar, eu cuido de você. Se não quiser que eu cuide de você, cuide do nosso cachorro para nós. Eu saio para trabalhar, eu trago comida para nós, mas eu quero chegar em casa e ver você são’.”*

Ao retornar para 2009, quando pensa nos dias que passaram, ele quase não se recorda do que aconteceu durante o período. Durante quatro semanas e dois dias, entre auroras e crepúsculos, os dias passaram voando no barracão, localizado próximo de sua casa, em que ele dormia. *“Foram 30 dias que passaram voando, sem tomar banho, sem escovar dentes e sem comer porque quando eu bebia, eu não comia. Quando eu bebia, eu surtava. Saía andando para todo lugar, falava sozinho e gesticulava.”*

Durante a conversa, quando se recorda de um casal

Do coração alviverde ao abismo das ruas

de amigos por quem nutria grande respeito, às memórias e os conselhos valiosos vêm à tona. Eram pessoas que insistiam para que deixasse a bebida, mas, em suas palavras *“você vai perdendo o controle da situação”*. Para além do casal, outras pessoas passaram por sua vida e costumeiramente se voltava a ele com o mesmo conselho. Amarildo bebia todos os dias, mas até aquele momento ele conseguia bancar o vício. *“Aí eu falei, ‘não vou trabalhar mais’. Eu vou morrer bebendo, porque eu não quero mais nada’. Saí de casa, não comia, não me alimentava, eu já cheguei a pesar 42 quilos.”*

O barracão não foi o único lugar no qual ele chamou de “lar” por duas noites ou mais. Enquanto estava em situação de rua, ele também morou em um abrigo, uma experiência, descrita por ele, como terrível.

“Você tem que ter jogo de cintura. No abrigo você dorme do lado de assassino, estuprador. É pesado. Mas eu nunca imaginei que fosse chegar nesse ponto. Então, com tudo na rua você tem que ter jogo de cintura. Você não pode ser boca dura. Você não pode dar de ‘bam bam bam’. Estão batendo em gente pra caramba na rua agora, né? Os caras arrebatam mesmo. Eles não vão te perdoar, principalmente os ‘nóias’. Esses não vão perder a chance de te roubar e essa é a diferença do alcoólatra para o nóia. Eles precisam manter o vício deles, então, eles vão te roubar. O alcoólatra não, no máximo vai encher o saco.”

Para além dos perigos de estar rodeado de pessoas no qual você não sabe a intenção, Amarildo também enfrentou perdas econômicas vinculadas, por exemplo, a cartões de crédito. Além disso, sua saúde já estava debilitada. Em julho de 2022, ele relata que teve a terceira parada cardíaca que veio após uma queda advinda dos 20 dias em

que ficou bebendo.

Na época, vendeu televisores, botijão de gás e livros. *“Corta o coração. Eu amo ler. (O que você gosta de ler?) Leio de tudo. Tudo que você mais ama, eu leio. Eu tinha muito livro, cara. Vendi tudo no Sebo.”* O dinheiro da venda dos objetos servia para sustentar o vício na bebida. Quando acordou, estava no Hospital Santa Casa de Londrina, em um quarto apenas de fralda.

“O pessoal do Centro Pop avisou minha irmã. Falou: ‘pode ser que não sobreviva’. Aí minha irmã veio aqui e falou para mim. Eu já tinha vontade de parar, mas não tinha força. (Sim, acho que isso é o mais difícil) Você entendeu? Eu não tinha força, aí eu já ficava nervoso e minha irmã ficava irritada. Sempre pensava ‘puta que pariu, que situação, filha da puta’. Gastava um dinheirinho, gastava tudo, não é por causa do dinheiro, porque eu nunca fui apegado a bem material, mas, assim, a cabeça não ficava boa. Falei, ‘meu Deus do céu, eu não sou assim’.”

Por ser morador há muitos anos da região leste de Londrina, aqueles que o conheciam e viam na rua contavam, posteriormente, que via Amarildo com uma coberta cobrindo a cabeça, falando sozinho e indo em direção às favelas. Ele ficou três dias no Hospital. Depois disso, após quatro anos na rua, voltou para a casa de um primo, que sempre lhe deu amparo e ajuda.

Em uma conversa com seu irmão, ele conta que ao refletir sobre o passado não se arrepende de nada do que fez, com exceção da bebida, vício que gostaria de ter parado antes. *“Você não pode se enganar porque é um vício que não tem cura. É tudo um processo. Quando passava pelo psicólogo, a primeira coisa que ele perguntava para mim era ‘o que você*

Do coração alviverde ao abismo das ruas

bebeu?’ ‘você teve alguma situação amorosa?’ ‘você foi abusado sexualmente?’ e eu sempre falo ‘não tem nada não, eu bebo porque eu gosto’. Aí os caras falam, ‘você não gosta, você gostava’. Eu falo: ‘está bom, eu gostava’.”

Mesmo escrevendo perguntas específicas para cada personagem, a última sempre é, para mim, uma das mais importantes. Já eram quase 11h, então, perguntei sobre os planos para o futuro. *“As meninas do Centro Pop querem que eu trabalhe registrado, mas eu não consigo mais. Hoje, não consigo ficar em lugar fechado, então eu tenho que arrumar um trampo, como de entrega onde eu possa ficar no ar livre. Hoje, eu faço bico de meio período, ganho R\$ 50,00 para entregar panfleto e, para mim, está ótimo”.*

Há cerca de 1 ano e 6 meses, até o dia 15 de novembro, Amarildo não faz o consumo de álcool. Além disso, o acompanhamento psicológico, advindo através do Centro Pop, começou a fazer parte de sua rotina. *“Hoje eu estou me firmando, graças a Deus. Eu me alimento razoavelmente, né? Tem um dinheirinho para assistir um filme porque eu adoro cinema e continuo fazendo a minha caminhada para o psicólogo.”*



4

*Entre ruas, raízes
e recomeços*

Como já mencionei, a criação deste livro não foi apenas obra de minhas mãos. Ele se ergueu com a ajuda de muitas pessoas e vozes que, ao acaso, se entrelaçaram à minha, como fios na trama de um tecido. Entre essas mãos, destaco novamente um nome já mencionado: Jenifer Araujo Barroso Bilar, assistente social que se dedica ao trabalho no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop).

No mesmo dia em que compartilhou o contato de Amarildo, com a prontidão de quem entende o peso e a urgência das histórias, Jenifer abriu-me outra porta. *“Tenho mais alguém para te indicar”*, disse ela e, com isso, me entregou, junto ao nome, um pedaço de um universo ainda a ser descoberto. Lauzenir Antônio é quem atravessa, agora, as páginas que se seguem.

Meu primeiro contato com Lauzenir foi em 30 de outubro de 2024. Como de costume, apresentei-me por WhatsApp expondo minha ideia. Em poucas palavras, ele manifestou sua disposição em ajudar, deixando transparecer uma generosidade discreta, mas firme.

No entanto, o caminho até nosso encontro não foi simples. Houve silêncios, que pareciam definitivos, respostas que nunca chegaram, o que me fez, por vezes, questionar se ele havia recuado na intenção de dividir sua história. Ainda assim, insisti, movida pela paciência e teimosia.

Assim, entre tentativas e esperas, finalmente convergimos em uma data. Um encontro cuidadosamente alinhado para não interferir em sua rotina de trabalho, respeitando os limites de um cotidiano já tão cheio, principalmente levando em conta a época do ano. Naquele ins-

tante, percebi que, mais do que narrar, ele estava disposto a abrir uma fresta de sua vida — e era minha tarefa acolher isso com respeito e cuidado.

Londrina, fiel à sua fama de imprevisível, amanheceu com o sol tímido entre nuvens pesadas que carregavam a promessa de chuva. O contraste entre o brilho dourado e o céu cinzento revelava um dia em suspenso, à espera de sua definição que, logo mais, iria se revelar. Mais uma vez, essa autora veste uma blusa preta e calça jeans, um visual que já foi repetido cerca de três vezes na feitura deste livro. Equipada de uma bolsa preta, celular e um caderno me dirijo ao local onde seria realizada entrevista, no caso, a residência de Lauzenir.

O encontro havia sido marcado para acontecer na quinta – feira, dia 28 de novembro de 2024, às 10h. Nesse período do ano, já era possível verificar as decorações de Natal que enfeitavam não apenas o centro da cidade de Londrina, mas também, as moradias localizadas no bairro Parque das Indústrias, localizado na região sul da cidade, onde nosso personagem vive.

Cheguei à residência e encontrei uma casa simples, de uma beleza discreta, com um portão pequeno, de estilo vitoriano, pintado em um tom suave de cinza. A fachada da casa, em contraste, era colorida de branco, transmitindo uma sensação de acolhimento e serenidade. Entre o portão e a fachada, repousava uma moto e, ao seu lado, estava Lauzenir, um homem de 48 anos. Vestia uma calça jeans de um azul desbotado, uma camisa de manga curta em tom bege e um boné que parecia ser parte inseparável de sua figura.

No interior da casa, me acomodei no sofá, enquanto Lauzenir instalava-se em uma cadeira próxima. Ao seu lado, estavam seus equipamentos de ofício — pincéis e ferramentas— objetos que ele guarda com orgulho e menciona com brilho nos olhos, revelando uma felicidade genuína ao falar sobre seu trabalho como pintor. *“Aqui ó, - mostrando os materiais de trabalho – essas são as coisas que eu consegui, depois que eu saí da rua. Tudo fruto do meu trabalho.”* Orgulhoso, ele me apresenta a máquina de pintura AirLess, uma pulverizadora com gatilho de pressão que pode ser usada para pintar arte ou paredes, sobre ela, estão demais instrumentos conquistados através de ajuda ou dos trabalhos realizados em casas ou comércios.

Logo de início, quando falo sobre a proposta do livro, Lauzenir abre seu coração. *“Até hoje o pessoal persegue a gente. Sinto que a gente está tentando se levantar, mas o povo ainda quer nos derrubar. Esses dias mesmo, eu tive uma briga aqui com um comerciante porque eles aproveitam que estou parado e aí trata a gente como se fosse um bicho, sabe? Só por conta do que a gente viveu no passado.”*

Para abrir o leque de memórias, ele começa resgatando lembranças fragmentadas de uma infância marcada por dificuldades e perdas. Viveu no Jardim Califórnia, um bairro situado na zona leste de Londrina, conhecido por suas ruas tranquilas e pela serenidade de um ambiente predominantemente residencial. Ali, entre casas modestas e uma comunidade engajada, formou-se um espaço onde a calma aparente contrastava com os desafios silenciosos de sua história.

Aos 5 anos, sua mãe os deixou — ele e seus irmãos

— sob os cuidados do pai, marcando o início de uma infância moldada pela ausência materna. *“Eu tenho a lembrança até hoje. Quando eu tinha 5 anos de idade eu gostava muito de ganhar dinheiro para comprar doce. Meu avô era aquele velho carroceiro e eu sempre andava ao lado dele e ele – por sua vez - comprava doce, paçoquinha, pão com mortadela e eu adorava. Aí minha mãe aproveitou, né. Na época ela quis levar minhas duas irmãs, então, ela arrumou as meninas e para me enganar, porque meu irmão não estava em casa, me deu um cruzeiro pra ir comprar doce e quando voltei, ela já tinha ido.”*

Em suas palavras, ele enfatiza que a partida da mãe não o afetou tanto quanto poderia, pois foi acolhido e criado por seu avô, João, ou “Pernilongo” para os mais íntimos. Um homem simples, que dedicou a vida ao ofício de carroceiro e estava habituado às coisas modestas da vida. João não era apenas uma figura de criação, mas também um porto seguro. Sempre que os problemas surgiam, era a ele que recorria, em busca de amparo e de conselhos. Com muito “custo” sua tia deu continuidade à educação de Lauzenir quando o colocou na escola dos 9 para os 10 anos de idade. Contudo, a presença nas escolas se deu até a quarta série.

Ao completar os 13 anos, os meninos são marcados por mudanças significativas em suas vidas, sinalizando a transição da infância para a adolescência. Dentre as mudanças, destacam-se a puberdade, evidente na alteração da voz, no crescimento acelerado e nas modificações corporais. Além disso, o desenvolvimento social, refletido na busca por uma identidade própria e na necessidade de pertencimento; as mudanças cognitivas, com interesses mais

definidos e uma visão mais crítica do mundo e os desafios no relacionamento com figuras de autoridade são outras características.

No entanto, sem sombra de dúvida, foi a assunção das primeiras responsabilidades a mudança que atingiu Lauzenir de forma mais precoce. Na época, seu avô conseguiu um emprego para ele como pintor, um “bico” com um amigo de confiança do ancestral. Foi aos 13 anos que ele descobriu seu apreço pela pintura, ofício que iria acompanhá-lo durante toda a vida. No Brasil, o trabalho infantil é uma questão persistente que ultrapassa gerações pobres de pais e filhos, afetando milhares de crianças e adolescentes. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem quase 1,9 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil, o equivalente a 4,9% do total de pessoas entre 5 e 17 anos no país.

Além da mãe, seu pai também o abandonou, assim como aos irmãos, para estar e cuidar de uma mulher e seus seis filhos em outro estado. *“Até hoje eu não entendo, acho até que pode ter sido a idade. Eu já passei por isso também, porque o amor faz as pessoas fazerem cada ‘cagada’. A mulher era bonita e incentivou, e, no final, ele teve uma ótima vida, mesmo com a moça carregando-o para longe de nós e deixando a gente aqui. Um para um lado e o outro para o outro. Ele ficou em Campinas, construiu casa lá e, depois de muito tempo, a mulher botou um chifre nele. Depois disso ele endoidou e sumiu.”*

Os caminhos que a juventude traçou nas viagens

Entre ruas, raízes e recomeços

“Nesse trajeto, como eu sempre vivi com meu avô paterno, nunca tive um lugar só meu. Meu avô sempre foi um velho um pouco desnorteado, então, foi vendendo tudo que ele tinha. Nessa história, eu ficava andando de lá para cá. Eu tinha sempre um lugar para dormir, seja embaixo da cama ou no cantinho, mas nunca tinha uma casinha só para mim, assim, como tenho hoje.” Logo, movido pela curiosidade, Lauzenir, com o dinheiro de seus trabalhos no bolso e a autorização de viagem para menores ou autorização de viagem de menor desacompanhado, ele começou a conhecer novos locais.

Quando ainda era um adolescente, aos 16 anos, seu primeiro destino foi a imensa São Paulo. Contudo, sua estadia na terra da correria não duraria muito, pois logo soubera que seu pai encontrava-se em Santa Catarina, especificamente em Imbituba, cidade litorânea conhecida por suas praias, como a Praia do Rosa, famosa entre surfistas e turistas. Além disso, a cidade é marcada pela simplicidade, natureza preservada e ambiente acolhedor, além de ser um importante pólo pesqueiro e turístico do estado.

Então, impulsionado pela esperança de reencontrar o pai, foi primeiro para Curitiba e logo depois, seguiu viagem para Florianópolis para fazer baldeação para Imbituba. Já na capital catarinense, com o dinheiro escasso, precisou encontrar uma forma de comprar a passagem da baldeação. *“Estava perdido, aí tentei pedir dinheiro aos outros, mas muita gente não entendia porque tinha muitos turistas. Então eu fui em um policial e falei: ‘olha policial, estou com a autorização aqui, o homem falou que ia dar certo e o dinheiro não deu’, ele acreditou em mim e me deu uma marmita e 10 cruzeiros.”*

Ansioso, ele ligou a cobrar para a casa do pai. Do

outro lado da linha, uma criança atendeu. Ele explicou que estava perdido, mas não recebeu a certeza de que alguém viria buscá-lo. Mais tarde, descobriu que seu pai, pressionado pelos demais moradores da casa, havia ido até Florianópolis à sua procura. No entanto, ao chegar lá, Lauzenir já estava desembarcando em Imbituba.

Já na cidade, ele ficou hospedado na casa da então esposa de seu pai, uma costureira, mas sabia que essa permanência não duraria muito, pois, ela não gostaria de morar na cidade por mais tempo. Assim, seus esforços, agora, se concentrariam em encontrar um emprego para guardar dinheiro – e ele conseguiu. Enquanto estava em Imbituba trabalhou em uma cerâmica e tentou convencer o pai a retornar para Londrina, junto com a esposa.

Após muitas tentativas, eles conseguiram convencer o homem a retornar e, às pressas, pegaram o que pertencia a eles e voltaram para a cidade de Londrina, em específico, para o bairro Vila Nova que se formou em 1938, a partir de um loteamento delimitado entre várias chácaras.

Inicialmente, foi chamada de Vila Nalin, em homenagem à família que era proprietária da vasta área adquirida pela Prefeitura do Município. Localizada em uma região histórica na área central da cidade, o bairro é conhecido por sua tradição e vida comunitária, sendo uma das regiões que guarda parte das raízes da urbanização londrinense. Em 2002, o jornalista Emerson Dias descreveu a comunidade como um “lugarejo tão agitado”. Hoje, em 2025, a Vila abriga estabelecimentos comerciais variados, escolas, espaços religiosos, culturais e esportivos, o que torna a vida dos moradores bastante prática, mas mesmo

com as transformações provocadas pelo tempo, o bairro não perde a essência de um lugar acolhedor e comunitário.

Com poucos dias na cidade, Lauzenir conseguiu retomar seu trabalho como pintor, mas a convivência com seu pai não era das melhores. Em uma ocasião, que se tornaria o estopim para sua saída de casa, o pai o convidou para "bater massa" – nome dado ao processo de preparar uma mistura de cimento, areia e água para criar uma argamassa ou concreto - com ele, mas o filho recusou.

Lauzenir foi passar o tempo na casa de alguns amigos, pois já havia trabalhado durante o dia. Quando retornou, precisou enfrentar a situação com o pai. *“Na hora que cheguei em casa, tinha dois homens segurando meu pai em frente ao portão porque ele queria me matar pois eu não quis bater massa mais cedo.”* Nesse cenário, ele compartilha que seu pai carregava consigo um passado marcado pela violência, tendo já agredido os membros da família em outra ocasião. *“Ele tirou minha mãe de casa quando ela tinha 12 anos. Ele a ensinou a beber e, na época, ela não fazia nada em casa, então ele batia nela. Eu lembro até hoje. Por isso, minha mãe ficou morrendo de medo e foi embora. Meu pai queria me pegar e aí eu saí para o mundo.”*

Após o desentendimento com seu pai, ele se viu na necessidade de encontrar um lugar para passar a noite. Foi então que se lembrou de um amigo, com quem convivia durante a infância e que sempre o acolhia em sua casa. O colega, de imediato, atendeu ao pedido e ofereceu abrigo a Lauzenir em sua residência, situada no Jardim Paraíso, localizado na região norte de Londrina, sendo caracterizado por, durante seus primeiros anos, acolher famílias que

migravam para a cidade em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho.

Nas décadas de 1980 e 1990, o bairro vivenciou um intenso processo de consolidação, com a construção de casas populares e um aumento significativo na densidade populacional. Hoje, o Jardim Paraíso combina, de um jeito simples, áreas residenciais com comércio local, escolas e creches, abrigando uma população diversificada. Foi nesse cenário que Lauzenir viveu, mas com o mesmo aperto no peito por não ter um lar apenas dele.

Ao completar 18 anos, ele deu continuidade a sua vontade de conhecer novos lugares e, assim, a partir de uma oportunidade de trabalho, voltou para São Paulo.

Lá, Lauzenir passou três anos vivendo e trabalhando, mas não como pintor. Dessa vez, iria trabalhar no Brás. O bairro, fundado no final do século XIX, é conhecido, majoritariamente, pelo comércio de roupas e tecidos. Acredito que você conheça alguém que já comprou as famosas blusinhas nas ruas do Brás, congestionadas de pessoas de diversos locais no Brasil

Hoje, o local é um importante polo de vestuário, com muitas lojas atacadistas e varejistas. Contudo, as ruas movimentadas não são alimentadas apenas de roupas. Há também a presença de mercados, restaurantes e estabelecimentos populares. Além de trabalhar, ele experimentou intensas vivências amorosas com uma mulher, um envolvimento que quase lhe custou a vida, pois ela estava comprometida com um recluso preso no Rio Grande do Norte e outro no estado de São Paulo. Na ocasião, Lauzenir estava cuidando da pastelaria da tia quando presenciou a morte

de um homem, que estava envolvido com a mesma mulher, pelas mãos do namorado desencarcerado. Mais tarde, ele descobriu, através de vizinhos, que ele também estava na mira do homem. *“Na época, contei para o meu tio e ele me escoltou de lá. Até hoje nunca mais voltei para São Paulo.”* Novamente em Londrina, ele estava se firmando, comprando sua moto e, aos poucos, conquistando sua autonomia, contudo, seu irmão *“fez sua cabeça”* para que ele voltasse novamente para São Paulo, mas dessa vez, para Campinas, localizada no interior do estado.

A história da cidade remonta ao período colonial, quando, em 1774, foi elevada à categoria de vila, mas seu crescimento se consolidou ao longo dos séculos XIX e XX, devido à expansão do café. Ao longo do século XX, Campinas passou a se diversificar economicamente, com o crescimento do setor industrial, a expansão do comércio e a instalação de universidades, como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), fundada em 1966.

Em Campinas ele se envolveu amorosamente com uma mulher, um relacionamento que perdurou por um ano, mas devido à necessidade de cuidar dos filhos – de outro casamento – e a pressão familiar, ela optou por encerrar o relacionamento e retornar à vida ao lado do ex-marido. Com os olhos marejados e a voz trêmula, Lauzenir confia que a decisão dela abalou profundamente seu emocional. *“Me deu um surto, né? Eu endoidei.”* Na época, ele voltou a beber, um vício que o acompanhava desde os 14 anos, mas dessa vez, com mais intensidade. *“Nunca tive pai para nada. Sempre fui só. Então, o que eu aprendi foi na vida. O básico que eu tenho de educação foi aprendido no mundo.”*

Durante a conversa, ele revela que a situação atrelada à ingestão de álcool ocasionou em um ataque de fúria, melhor dizendo, Transtorno Explosivo Intermitente (TEI), também conhecido como "Síndrome do Hulk". Ao pesquisar – porque não entendia muito bem como funciona o transtorno – verifiquei que o TEI afeta aproximadamente 3,1% da população ocasionando episódios de explosões descontroladas de raiva ou agressividade intensa. Além disso, uma pesquisa revelou que cerca de 70% dos brasileiros já experimentaram algum episódio de ataque de fúria ao longo de suas vidas.

Assim, tomado por um impulso, Lauzenir decidiu confrontar o então marido de sua ex-companheira. *“Fiquei caçando, caçando, caçando. Lembro que até perdi o serviço por causa disso de tão doido que fiquei. Aí, achei a casa que eles moravam e fui lá, por volta das 20h ou 21h. Tentei arrebentar o portão porque queria matar o cara. Só de lembrar dá um aperto enorme e sempre penso ‘olha que cagada que eu fiz’. Na época, o cara só não saiu porque tinha sofrido um acidente de carro e estava com as pernas machucadas, mas se não estivesse, ia dar briga.”* No dia do confronto, nada aconteceu. Contudo, nos dias seguintes, o homem mobilizou alguns jovens associados a facções criminosas para perseguirem Lauzenir. Temendo por sua vida, ele fugiu, voltando para Londrina e nunca mais retornou à cidade. *“A gente tem que ter a consciência de admitir quando não dá certo, sabe?..”*

Mais adiante, em nossa conversa, Lauzenir conta que chegou a voltar para São Paulo, em Sousas, um distrito do município de Campinas, sede da Região Metropolitana de Campinas. Ele trabalhou na região por cerca de seis me-

ses, mas devido a adversidades, retornou para Londrina novamente.

Resiliência nas ruas, o desafio de conquistar o que é seu

Assim como nos relatos de outros personagens e nos dados obtidos por meio de pesquisas, Lauzenir revela que, entre os fatores determinantes, a *"dificuldade financeira, a falta de moradia fixa e o desamparo familiar"* foram as principais razões que o levaram a vivenciar um período significativo de vulnerabilização social nas ruas da cidade.

Quando retornou para Londrina, após voltar de Sousas, ele teve que fazer morada, em 2019, em um "buraco", descrito por ele, em um fundo de vale, regiões onde as ocupações costumam ocorrer, em áreas urbanas, devido à escassez de terrenos acessíveis ou ao crescimento desordenado das cidades. Além do impacto ambiental, os moradores dessas áreas enfrentam maior exposição a desastres naturais, como enchentes e deslizamentos. *"Eu tinha medo de ir até lá, se alguém matasse a gente lá, ninguém ia saber. Não tinha nada, nem luz."*

Próximo ao local onde passou os dias, havia uma chácara de criação de porcos. *"Os outros iam roubar a porco lá e eu falava 'não vou ficar cuidando de porco'. Eu não tinha nem uma faca para me defender, resolvi não me envolver nisso."* Mesmo tentando evitar os perigos, ele conta que, em duas ocasiões, foi amarrado para que os porcos fossem roubados. Além disso, em um dos dias em que se dirigia para passar a noite no fundo de vale, foi agredido por um grupo de garotos, que o acusaram injustamente de roubo. Apesar

do medo, Lauzenir sentia a necessidade de recuperar as poucas coisas que havia deixado para trás no local. *“Então eu coloquei uma faca na cintura, peguei a carriola do meu pai e desci lá.”*

Em sua jornada para se reerguer e conquistar o que lhe pertencia, o pintor dedicou-se por dois meses ao trabalho com reciclagem. Foi durante o trabalho que ele entrou em contato com dois livros que, em suas palavras, o ajudaram a refletir sobre sua própria vida. Entre eles, *Você Pode Curar Sua Vida*, publicado pela primeira vez em 1984. O livro é uma obra que propõe que nossas crenças e pensamentos moldam diretamente nossa saúde física e emocional. Escrito pela palestrante motivacional norte-americana Louise L. Hay, o livro defende que, ao transformarmos nossas atitudes e pensamentos, podemos reescrever a trajetória de nossas vidas. *“Achei muito bonito esse livro. Tinha um monte de livro e eu falei, ‘vou catar esse’.”* O outro título em questão é *Em Busca de Esperança*, publicado em 2016 por Ellen G. White. Nele, a autora explora a importância da esperança cristã diante das dificuldades da vida.

Além disso, encontrou abrigo na casa de um amigo, mas, para ser aceito naquele espaço, precisou abandonar o álcool, um gesto necessário, pois a companheira de seu colega não tolerava a bebida em sua residência.

No entanto, cedendo à tentação, um dia encontrou um homem com 1 litro de Jamel e se entregou. Para chegar à casa de seu amigo, precisou pegar um transporte, mas o motorista, aproveitando da situação, só aceitou levá-lo no dia seguinte e ainda cobrou um valor mais alto. Diante disso, Lauzenir decidiu pedir ajuda ao seu pai, que pron-

tamente o socorreu. No entanto, assim que Lauzenir se afastou, o pai fez uma ligação para a mulher e revelou que ele havia bebido. *“Eu cheguei lá e a mulher estava com dois pitbulls e me tocou imediatamente da casa.”*

Após quase uma hora de conversa, ele revela que as assistentes sociais, que o acompanham até hoje, não o encontraram nas ruas, mas sim por meio de uma médica. A pergunta que se impõe é: como se deu esse percurso e até que ponto ele é crucial para a construção da história?

Em razão de seu transtorno de fúria, ou Transtorno Explosivo Intermitente (TEI), aliado a convulsões, ele faz uso de medicamentos para tentar controlar os ataques. Além disso, atualmente, busca evitar situações conflituosas que possam desencadear os gatilhos para esses episódios. *“Eu tinha desistido da vida.”*

Os medicamentos chegaram após uma consulta, quando ele cruzou o caminho de uma médica que, além de dedicada à sua profissão, também era atuante em Organizações Não Governamentais (ONGs) voltadas ao amparo de pessoas em situação de vulnerabilização. Ao ouvir sua história, ela, com um olhar decidido, disse: *“vou ver o que posso fazer para ajudar”*. Porém, naquela ocasião, ele não deu muito peso àquelas palavras, que soaram como promessas vagas no turbilhão de sua vida. *“Um dia estava passando em frente ao posto e um rapaz me chamou: ‘ó, Lauzenir, a doutora marcou uma entrevista para você’. Na época eu pensei ‘ah, eu não vou ver isso, não tenho nada a ver com isso, mas aí me deu um negócio e decidi ir.”*

Lá, ele teve uma conversa com uma assistente social e, mais uma vez, compartilhou sua história. A primeira

ideia que surgiu em sua mente foi: *"quem alugaria uma casa para alguém como eu?"*.

No entanto, essa preocupação não foi um obstáculo para as assistentes sociais. Elas pediram que ele mostrasse o local, onde reside hoje e, com uma ligação, conseguiram transmitir confiança à mulher que concordou em alugá-lhe a casa. Assim, depois de muitos anos sem um lar fixo, acomodando-se em espaços apertados ou desconfortáveis, e até mesmo vivendo em situação de rua, exposto aos perigos que essa realidade impõe, finalmente conseguiu um lugar para chamar de lar — por menor que fosse. *"Eu fui ajudado por muitas pessoas que tinham esperança em mim. Elas viram que eu estava andando limpinho e tudo e começaram a arrumar serviço para mim, mas eu precisava de uma moto para encontrar mais serviços em outros lugares da cidade. Aí eu falei para elas e, aos poucos, fui juntando dinheiro."*

As assistentes sociais, que continuam a acompanhar seu caminho, realizaram um trabalho de atenção constante e incentivaram Lauzenir a poupar para conquistar o que desejava. Em suas palavras, elas o *"pressionavam de um jeito carinhoso"*, com perguntas diárias como: *"quanto você conseguiu hoje?"*, criando uma atmosfera de estímulo e encorajamento, para que ele se sentisse motivado a seguir e alcançar seu objetivo. A partir do trabalho, além de conquistar a moto, também conseguiu comprar equipamentos novos para trabalhar como pintor.

Nesse ponto da história, talvez já tenha ficado claro o quanto é precioso para mim desvendar os sonhos e os planos que os personagens guardam para o futuro. E com Lauzenir, não poderia ser diferente.

Entre ruas, raízes e recomeços

Caminhando para o final do nosso encontro, ele deixa evidentes seu desejo de continuar trabalhando como pintor para conquistar seus objetivos, mas revela que, às vezes, enfrenta dificuldades e preconceitos devido ao tempo em que esteve na rua. *“Os outros ficam ofendendo a gente. Acham que nós não temos capacidade. Um dia fui divulgar meus serviços e escutei ‘Ah, o cara era um mendigo e agora vai ganhar 200 reais por dia. Ele morava na rua, cinquentão está bem pago para ele’, mas eu sou orgulhoso.”*

Assim, revela que quer expandir seus trabalhos através da divulgação online de seus serviços por meio de um portfólio com alguns trabalhos realizados e, também, um número exclusivo para contato. *“Quero construir uma casa no meu terreno próprio. Construir eu consigo fazer sozinho, agora só preciso guardar dinheiro para comprar o terreno.”*



5

Do outro lado da rua

Para aqueles que chegaram até aqui, convido-os a ler mais algumas páginas sobre a percepção desta autora até o último capítulo, mas não se preocupem, não irá se estender por muitas páginas.

Antes que qualquer pensamento sugestivo surja, acreditando que este capítulo existe apenas para alimentar alguma vaidade individual, asseguro-lhes: esse não é o caso. Para ser honesta, essa ideia sequer havia me ocorrido. Tudo começou no dia 1º de outubro de 2024, durante a primeira avaliação da banca do meu Trabalho de Conclusão de Curso — o temido TCC. Naquele dia, o professor Reginaldo Moreira, Régis para os mais íntimos, sugeriu que eu dedicasse algumas páginas para refletir sobre minha compreensão ao materializar, em palavras, histórias tão singulares.

O ponto de partida dessa jornada remonta a 28 de fevereiro de 2022, quando, ainda no segundo ano do curso de Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, publiquei meu primeiro texto sobre a aporofobia. Na época, colaborava de forma voluntária em um site a fim de escrever matérias para incorporá-las em meu portfólio.

Esse termo chegou até mim pela pelas redes sociais do padre Júlio Renato Lancellotti, pedagogo e sacerdote católico brasileiro amplamente conhecido pelo trabalho com moradores em situação de rua. Ele também denuncia arquiteturas hostis e episódios de aporofobia no Brasil, expondo realidades que muitas vezes passam despercebidas. Acredito que ficou conhecido quando, em 2021, durante a pandemia da Covid-19, quebrou a marretadas blocos de paralelepípedos instalados pela gestão do prefeito Bruno

Covas (PSDB) na parte inferior de viadutos na Zona Leste da capital de São Paulo.

Desde aquele dia — ou talvez até antes — decidi que minha despedida da universidade seria marcada por um tema que ressoou em minha mente e em meu coração, inspirando cada palavra e cada página escrita desde então.

Decidida sobre o que desejava escrever, faltava apenas compreender como dar forma a essa vontade. Foi então que meu orientador, professor Reinaldo César Zanardi trouxe à luz uma lembrança preciosa: o jornalista, mais do que um transmissor de notícias, é também um contador de histórias. E, com isso, carrega uma responsabilidade que vai além das palavras — trata-se de dar voz ao silêncio e de narrar com verdade o que outros apenas enxergam de relance.

Inicialmente, imaginamos que a estrutura de uma revista seria suficiente para acolher as histórias que desejava contar, mas o chamado do livro foi mais forte. Ele sussurrava a promessa de páginas que se estenderiam como ruas, onde cada parágrafo seria um passo em direção ao entendimento do mundo que eu desejava explorar e das histórias que gostaria de conhecer. Assim, “Ecos da rua: retratos de sonhos e lutas” surgiu, título que foi, algumas vezes, aperfeiçoado.

Confesso que, embora o processo de encontrar os personagens desta obra tenha sido longo, estendendo-se entre agosto e dezembro de 2024, cada momento valeu a pena. É surpreendente como, em meio à correria cotidiana, histórias de resistência e luta habitam as vidas de pessoas que muitas vezes passam por nós como sombras, quase

invisíveis, mas carregam universos inteiros em seus silêncios.

Ao longo da trajetória, houve, sim, personagens que optaram por não participar, e sou grata a eles pela atenção dedicada. Mas foi Jeremias, Grécia, Amarildo e Lauzenir que, com coragem e generosidade, escolheram abrir seus mundos e colaborar com as páginas deste livro, deixando suas marcas indeléveis na narrativa.

Conhecer a realidade dessas pessoas revelou-me como a violência e o vício agem de maneiras diversas na vida de alguém, infiltrando-se em quem tenta, com esforço e coragem, resgatar o melhor de si. São nuances e dores advindas do preconceito que números frios e estatísticas – apresentadas durante os capítulos e na apresentação da obra – distantes jamais conseguem traduzir, criando um abismo entre essas histórias e os demais cidadãos. Confesso que um dos objetivos fundamentais desta obra foi, justamente, diminuir essa distância e humanizar o que, muitas vezes, é tratado apenas como um número crescente.

Desejo que, ao ler estas páginas, o leitor enxergue além das estatísticas e veja as vidas que se escondem por trás de cada cifra, as histórias e os sentimentos de pessoas que, embora muitas vezes invisíveis, são plenas em sua humanidade.

Para mergulhar nesses relatos, atravessei a cidade em pontos distintos a fim de encontrar os personagens, conheci moradias humildes e bairros simples, vi as estações mudarem enquanto os encontros se desenrolaram, ouvi sotaques que ecoavam o Brasil inteiro e também de além-mar. Presenciei a confusão de memórias embaralhadas

Do outro lado da rua

pelo tempo, vi olhos marejados ao resgatar fragmentos de um passado distante, risos que rompiam o silêncio, histórias de amor e de abandono.

Mas, acima de tudo, encontrei neles uma força indizível, a coragem de enfrentar as adversidades e os perigos das ruas que cruzam tantos estados, e a fé — imensa, quase palpável —, que se erguia como um pilar inquebrantável, sustentando a esperança de dias melhores.

Além disso, percebi a profundidade do impacto que o amparo familiar, a assistência social, a criação de oportunidades e o incansável trabalho das Organizações Não Governamentais (ONGs) têm na transformação de vidas. Esses elementos, juntos, tecem uma rede de apoio essencial para resgatar histórias que poderiam se perder no silêncio.

Para que mais pessoas em situação de rua, imigrantes e refugiados possam mudar e tornar suas realidades melhores, é imprescindível trazer à tona — e, mais importante, tirar do papel — políticas públicas humanizadas, que se traduzam em práticas concretas por meio de oportunidades, projetos e leis de inclusão genuína das três esferas de governo, mas, principalmente, da administração municipal, o elo mais próximo de quem vive as ruas.

Como é o caso do Projeto de Lei 543/24, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e de Combate à Aporofobia (discriminação em razão da pobreza). A proposta, de autoria do deputado Patrus Ananias (PT/MG), muda a Lei 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça, cor, etnia e religião. De acordo com o texto proposto, quem injuriar ou ofender alguém em razão de raça, cor, etnia, procedência nacional ou

condição de pobreza poderá ser punido com reclusão de dois a cinco anos.

Ademais, o projeto cria um comitê para acompanhar e monitorar a elaboração de planos de ação periódicos e a implementação da nova política, além de propor medidas que assegurem a articulação intersetorial das políticas públicas federais para atender a população em situação de rua e de pobreza. Até este momento, dia 13 de janeiro de 2025, o projeto encontra-se pronto para pauta na Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família (CPASF) e são iniciativas como essa que devem ser encorajadas.

Não poderia deixar de destacar algo em comum entre os personagens reais que você acompanhou até aqui, a presença indispensável dos assistentes sociais em suas trajetórias. Independentemente do lugar ou das dificuldades enfrentadas, esses profissionais foram pilares de amparo e transformação. A quem dedica a vida a defender direitos sociais e a atuar na resolução de problemas complexos — seja na saúde mental, no desenvolvimento infantil, na justiça criminal ou em tantas outras áreas —, deixo aqui meu mais profundo reconhecimento. Vocês são essenciais, mesmo em uma sociedade que, muitas vezes, julga-lhes irrelevantes e nega a dignidade àqueles que mais precisam. Que seu trabalho siga sendo uma luz para aqueles em busca de uma vida melhor, mesmo diante de tantas adversidades.

Ao escrever *Aporofobia, a aversão ao pobre*: um desafio para a democracia, Adela Cortina explora as origens desse fenômeno tão enraizado em nossas vidas, mergulhando nas bases neurológicas que moldam nossos com-

portamentos. Segundo a filósofa, nosso cérebro carrega uma predisposição ancestral, a de reconhecer e favorecer aqueles que pertencem ao nosso grupo, enquanto desconfia dos “estranhos” – os diferentes, os outros.

Essa predisposição, explica Cortina, pode ser uma das raízes da aporofobia, que emerge como um mecanismo de defesa biológico e social. Contudo, ela nos oferece uma visão esperançosa.

Mesmo que essa reação esteja gravada em nossos instintos, pode ser moldada pela educação, cultura e experiências. O cérebro, afinal, possui uma plasticidade, sendo profundamente influenciado pelo meio em que vivemos. Assim, intervenções educacionais e sociais tornam-se ferramentas poderosas para transformar preconceitos em empatia, desfazendo barreiras que, antes, pareciam intransponíveis.

Mais do que investir em educação e cultura, Cortina propõe que a superação da aporofobia passa também pelo fortalecimento da consciência moral, aquela voz interior que nos guia, capaz de agir com autonomia e justiça, livre das pressões sociais e do temor pela reputação. Essa consciência, quando bem-educada, torna-se uma aliada poderosa na construção de comportamentos éticos e inclusivos, desafiando convenções que tantas vezes mascaram discriminações veladas.

Ao observar o corpo social, Cortina provoca a reflexão sobre como a reputação pode levar as pessoas a agir de forma sociável, mas não necessariamente moral. Em contrapartida, uma consciência moral robusta é essencial para que atitudes corretas sejam tomadas, mesmo quando vão

contra a aprovação coletiva ou o olhar julgador da sociedade.

Nesse panorama, a erradicação da pobreza ganha protagonismo. Para Cortina, a pobreza não é apenas uma questão de caridade, mas um imperativo de justiça social. Assim como Jessé Souza, a autora reforça que a pobreza priva os indivíduos de sua liberdade e, por isso, é urgente não apenas debater o tema, mas agir para garantir igualdade de oportunidades.

Cortina argumenta que a pobreza é evitável e apresenta soluções que transcendem o assistencialismo. Ela defende políticas públicas que empoderem os pobres, em vez de simplesmente protegê-los. Logo, o verdadeiro antídoto para a aporofobia, segundo ela, está na construção de uma sociedade que reconheça o valor de cada pessoa, promovendo o bem-estar de todos, não apenas daqueles considerados mais economicamente produtivos.

Encerrar este livro é reafirmar um compromisso: o de lançar luz sobre uma questão que, embora tantas vezes silenciada, atravessa vidas e histórias de maneira brutal. A aporofobia, a aversão às pessoas pobres, não é apenas um preconceito individual, é um reflexo de estruturas sociais que segregam, marginalizam e desumanizam. É a expressão mais crua de uma sociedade que insiste em virar o rosto para aqueles que mais precisam de amparo e dignidade.

Ao longo destas páginas, ficou evidente que combater a aporofobia não é apenas uma questão de mudar olhares ou discursos, mas de transformar práticas e políticas. É preciso ir além da empatia superficial e construir um tecido social que ofereça oportunidades, suporte e inclusão

Do outro lado da rua

a todos, independentemente de sua condição social, socio-econômica, nacionalidade ou história de vida.

Esse tema atravessou meu Trabalho de Conclusão de Curso e ecoou na concepção e execução deste livro, mas não se esgota aqui. Ele se amplia em cada reflexão, em cada ação concreta e em cada mudança que provocamos. Afinal, combater a aporofobia é lutar pela democracia, pela igualdade e pelo reconhecimento pleno da humanidade em todos os seus rostos e trajetórias.

Que este livro inspire mais do que debates sobre o neologismo, que ele instigue passos rumo a uma sociedade mais justa, na qual ninguém seja invisível e que cada voz tenha espaço para ser ouvida, apreciada e respeitada.

Obrigada por ler!

Luiza Arlindo dos Santos

ECOS DA RUA

Retratos de sonhos e lutas

2025

